

Odilon Rios Lima

Jornalismo e Sociedade
Análise do livro Recordações do Escrivão
Isaías Caminha, de Lima Barreto

Maceió, Alagoas
2006

Índice

Introdução	7
1 Contexto sócio-histórico da obra	15
1.1 O Brasil dos Interesses e Derrotados	18
1.2 O poder sobe ao Poder	23
2 Expansão da cidade e do jornalismo	31
2.1 Padronização na Notícia	36
2.2 Linha Editorial e Seleção de Informações	41
3 Na redação do <i>O Globo</i>	45
3.1 Tratamento da notícia	53
3.2 A Objetividade no Tratamento da Notícia	56
Considerações finais	65
Referências bibliográficas	73
Anexos	79

*Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca
examinadora do curso de pós-graduação em Comunicação
Social e Educação do CESMAC para obtenção do grau de
especialista, sob orientação da professora Maria Aparecida
Viana.*

*Fundação Educacional Jayme de Altavila - Fejal
Centro de Estudos Superiores de Maceió – CESMAC
Centro Universitário de Formação
de Profissionais da Educação – CISE*

Resumo

Este trabalho se propõe a investigar a manipulação dos meios de comunicação no comportamento do público na obra literária *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, de Lima Barreto. Representações de poder na redação de um jornal de grande circulação, através das relações entre as suas diversas hierarquias, caracterizadas na construção da notícia, muitas vezes levando o jornalista a afetar o conteúdo daquilo que se diz, diante do mercado e dos interesses do jornal, obscurecendo indivíduos considerados da elite, em uma base de negócios, ganhando, os partícipes disso, vantagens em uma maneira privilegiada. A metodologia utilizada pelo trabalho será a análise do livro e a revisão bibliográfica.

Abstract

This paper has the intent to investigate the manipulation of communication means (media) in the audience behavior on literary masterpiece *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, by Lima Barreto. Representations of power in a great press media company's working-room, through relations among various hierarchies, pointed on newsmaking process, many times leading the journalist to affect the content of what it is said, face of the labor market and the press company's interests, fading (or hiding) those ones considered being of high status in society, in a base of business, gaining those individuals that are part of it, taking advantages in a privileged way. The methodology used in this study will be the book's analysis and bibliographic review.

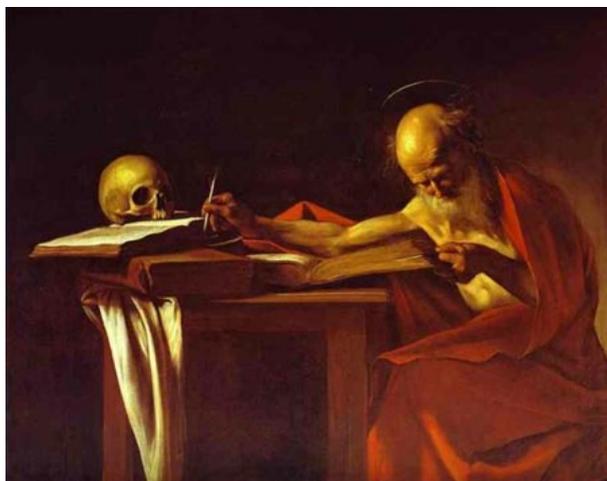


Figura 1 – São Jerônimo, de Michelangelo Merisi de Caravaggio (1571 – 1610).

Introdução

*Sabendo, ficávamos de alguma maneira sagrados, deificados...*¹

O conhecimento desperta fascínio perante as possibilidades de projetar, ordenar, atribuir significados ao mundo, libertando o homem dos *mistérios*, criando novas relações, desenvolvendo mecanismos de conservação e mudança *num permanente ajuste*.²

Em um resumo da biografia de São Jerônimo (+ 419 d.C, Palestina), neste trabalho retratado em quadro de CARAVAGGIO, conta-se que, diante de um Tribunal Universal, em sonho, o amante das letras e dos textos clássicos teria de tomar uma decisão: a conversão ao Cristianismo ou seguir a filosofia de Cícero, cônsul de Roma, de fabulosa retórica. Feita a escolha, São Jerônimo refina seu espírito e aprimora seu conhecimento, copiando e traduzindo os textos sagrados. Isolado diante dos livros, como em penitência, e organizando a Bíblia Latina, mais tarde conhecida como Vulgata, São Jerônimo parece vigiado pela caveira, dilema shakesperiano do ser ou não ser, o ir além de si mesmo, consagrando-se ao espírito especulativo, ao exercício do pensar, porque *construir ciência é em parte o cultivo de uma atitude típica diante da realidade, da atitude de dúvida, de crítica,*

¹ BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 2002, p. 21.

² COSTA, Cristina. *Sociologia: Introdução à Ciência da Sociedade*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 4.

de indagação, rodeada de cuidados para não sermos ingênuos, crédulos, apressados. ³

Eis então que o conhecimento funciona como um baú, repleto de surpresas e possibilidades, mas foi transformado em um lobo faminto, aliando-se ao poder, como pensaria BACON. ⁴ A impressora, com o canhão e a bússola, reunidas, deram ao homem esta superioridade quase inquestionável sobre a natureza, um poder maior que os dos reis e seus tesouros maravilhosos, ou mais abrangente que todas as terras desconhecidas, pois *na escravidão da criatura ou na capacidade de oposição voluntária aos senhores do mundo, o saber que é poder não conhece limites.* ⁵

Na abordagem do livro estudado neste trabalho, a respeito do conhecimento, o escritor Isafas Caminha, diante da admiração do pai, representação de uma inteligência com capacidade de explicar tudo, tentava entender as conexões desta mesma realidade através da busca de leis na compreensão dos fatos, corrigindo e aperfeiçoando teorias, descobrindo novas hipóteses, pois *sabendo, ficávamos de alguma maneira sagrados, deificados...* ⁶

Convivendo diariamente no cotidiano de uma redação, com a apuração e construção da notícia, seu caráter mercadológico, e o comportamento dos repórteres, nas suas mais diversificadas formações culturais, trabalhando muitas vezes em um regime de pressão, obedecendo à precisão dos fatos apurados, ao mesmo tempo em horários exíguos e as relações entre classes diferentes em um mesmo ambiente, é que se originou esta necessidade de aguçar o desejo de ir além de si mesmo, muitas vezes explicado como algo mecanicamente implantado, sem questionamentos, tratando o tema Jornalismo. Desta maneira, procurou-se trabalhar de

³ DEMO, Pedro. *Introdução à Metodologia da Ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987, p. 25.

⁴ ADORNO, Theodor W. *Conceito de Iluminismo*. In COLEÇÃO OS PENSADORES, São Paulo: Nova Cultural, 2000, p. 17-62.

⁵ Idem, p. 18.

⁶ BARRETO... op. cit. p. 21.

forma distinta, mas não inédita, um estudo explorando essas relações hierárquicas de poder, dentro da redação de um jornal.

O estudo da presente obra literária é tratado neste trabalho porque, além de desbravar o universo de uma narrativa autobiográfica de um renomado escritor, com lugar de destaque na literatura nacional, traz detalhes da vivência do autor na redação de um jornal carioca, *O Globo*, com uma aguçada crítica aos bastidores da imprensa brasileira, como aponta o escritor/jornalista, em momento de descoberta daquele espaço que o cercava, repleto de ideologias, representações de poder, desvendando uma realidade além de sua exuberante superfície:

Naquela hora, presenciando tudo aquilo, eu senti que tinha travado conhecimento com um engenhoso aparelho de aparições e eclipses, espécie complicada de tablado de mágica e espelho de prestidigitador, provocando ilusões, fantasmagorias, ressurgimentos, glorificações e apoteoses com pedacinhos de chumbo, uma máquina Marioni e a estupidez das multidões.

Era a Imprensa, a Onipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição! ⁷

O estudo da mensagem jornalística, um produto de consumo da indústria cultural, em uma sociedade urbana e industrializada, não pode ser avaliado sem que se revele a supremacia de valores fabricados e moldados para atingir as massas ⁸, que atuam nos *bastidores*, atrás daquele espelho de prestidigitador, além de ter algumas características peculiares. Mas, por outro lado, a mesma imprensa traz *dados da realidade que antes ficavam limitados ao*

⁷ Idem, p. 46.

⁸ Em Sociologia, multidão, agregado social que se caracteriza por um estado elementar ou grau ínfimo de coesão dos indivíduos do grupo. (Conforme: FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 784).

saber dos sábios. ⁹ A mídia talvez faça ressurgir este fantasma do emudecimento nos homens, todavia, seu estudo rompe a mera idéia de *estupidez das multidões*, conforme pensa nosso herói, preso aos encantamentos dos efeitos da massificação.

Desta maneira, o jornalismo se apóia em uma forma de preservação do poder, no sentido de controlar ou ocultar, até mesmo distorcer, a informação. Seria uma ameaça séria à comunidade como um todo ao evocar valores de poder, riqueza e respeito, tornando o indivíduo um agregado da atenção, praticamente passiva, de uma análise limitada à posição de poder da classe dominante?

Entende-se como evocação dos valores de poder o controle dos canais de comunicação, regida sob a ótica do sistema capitalista, limitando os indivíduos às respostas oferecidas pela posição de poder destas classes, já que *o que há é uma rede de grupos de sentimento, que atuam como multidões e, portanto, não toleram dissensão.* ¹⁰

Na avaliação da mensagem jornalística, em qualquer contexto dado, é necessário se levar em conta os valores em jogo, ligados a identidade do grupo cujas posições garantem *segurança* ao olhar inquieto das elites, que se reafirmam e reprimem ideologias contrárias. E, na supervisão quase secreta deste jogo, está o mercado, levando os manejadores da mensagem (jornalistas, editores) a afetar o conteúdo daquilo que se diz, *visto que os valores não são distribuídos igualmente, a estrutura social revela uma concentração maior ou menor de parcelas relativamente abundantes de poder, riqueza e de outros valores.* ¹¹

⁹ MEDINA, Cremilda. Notícia: *Um Produto à Venda: Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial*. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial LTDA, 1988, p. 40.

¹⁰ LASWELL, Harold D. *A Estrutura e a Função da Comunicação na Sociedade* in COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e Indústria Cultural: Leituras de Análise dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea e das Manifestações da Opinião Pública, Propaganda e Cultura de Massa nessa Sociedade*. 5. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987, p. 115.

¹¹ Idem, p. 111.

Assim, o objetivo deste trabalho é apreender essas representações de poder em uma redação, através das relações entre as diversas hierarquias de um jornal, e caracterizar essas representações na construção da notícia, protegendo comunidades de grupos particulares, obscurecendo indivíduos considerados da elite, em uma base de negócios, ganhando, os partícipes disso, vantagens em uma maneira privilegiada.

A sistematização da pesquisa ocorrerá a partir da análise da narrativa autobiográfica de Lima Barreto, através do olhar atento do escritor Isaías Caminha, elegendo determinados aspectos de sua história de vida, retratados em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, como capazes de indicar certo aspecto do quadro social da época e o contexto da imprensa brasileira, somando-se a pesquisa bibliográfica, com autores abordando temáticas ligadas ao Jornalismo e a Sociedade brasileira.

No capítulo I deste trabalho, retrata-se o Brasil no século XIX, logo após a vinda da família real portuguesa em 1808. Um século em que a imprensa era proibida na Colônia, vista como atividade subversiva ou ligada aos movimentos que emergiram logo após a Revolução Francesa e a independência das colônias britânicas na América do Norte. Sua capacidade de enraizamento na sociedade poderia gerar uma espécie de questionamento às atividades predatórias, ligadas ao campo econômico, de Portugal no Brasil.

Após esse corte histórico, no capítulo II, estudam-se os acontecimentos mundiais ligados à expansão da imprensa e, conseqüentemente, dos jornais, fenômenos ligados ao crescimento das cidades, expandidas graças ao maquinário inventado pela Revolução Industrial e a superconcentração da população, além dessa *diferenciação* ou *refinamento* ou ainda *enriquecimento* das necessidades do público, pois *a característica marcante do modo de vida do homem na idade moderna é a sua concentração em agregados gigantescos em torno dos quais está aglomerado um menor nú-*

*mero de centros e de onde irradiam as idéias e as práticas que chamamos de civilização.*¹²

No capítulo III, entre as paredes da redação do *O Globo*, propõe-se esse *desinfeitiçamento do mundo*, na narrativa autobiográfica de Lima Barreto, apontando-se um esquema em que a imprensa se transforma em repetidora de padrões culturais existentes na sociedade daquela época, como a dramatização de ações, além de um reflexo daquela mesma imprensa atrelada à poderosa influência do sistema capitalista brasileiro, no *apaziguamento* ou não dos membros da sociedade. As feições desta cidade e o surpreendente mundo mágico do jornalismo são retratados com precisão, em uma narrativa de cunho sociológico, mostrando os estratos culturais mais empobrecidos, *esquecidos* pela imprensa, além de uma espécie de consenso ou a imprensa autodenominando-se *portavoz* da sociedade, sem, no entanto, agir isoladamente, não sendo a promotora desta situação. Como disse BOURDIEU, ao apontar que

todos esses mecanismos concorrem para produzir um efeito global de despolitização ou, mais exatamente, de desencanto com a política. A busca do divertimento inclina, sem que haja necessidade de pretendê-lo explicitamente, a desviar a atenção para um espetáculo (ou um escândalo) todas as vezes que a vida política faz surgir uma questão importante, mas de aparência tediosa, ou, mais sutilmente, a reduzir o que chama de ‘atualidade’ a uma rapsódia de acontecimentos divertidos.¹³

Uma imprensa que busca aliar a massa a um sistema de valores de integração social de adaptação a normas difusas, divulgadas

¹² WIRTH, Louis. *O Urbanismo como Modo de Vida*. In VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O Fenômeno Urbano*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976, p. 90.

¹³ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 139.

pelo capitalismo brasileiro, expondo o *bom* e o *mau* na moda, na política, nos valores e instituições sociais, transformando-se em um agente *propagandístico*, de controle social, regido por poderosos interesses de grupos, adotando técnicas de manipulação das massas.



Figura 2 – Policiais tentam tirar pessoa de barraco à força.

Capítulo 1

Contexto sócio-histórico da obra

*Todos se misturavam, afrontavam as balas, unidos pela mesma irritação e pelo mesmo ódio a polícia, onde uns viam o seu inimigo natural e outros o Estado, que não dava a felicidade, a riqueza e a abundância.*¹

A época descrita sob a pena e o olhar jornalísticos de BARRETO representa um período de mudanças significativas nos contextos social, político e econômico do país, acompanhando a maré de transições do mundo. Um momento entre a Revolução Industrial (séculos XVIII/XIX)² e a Primeira Guerra Mundial.³ Acon-

¹ BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 2002, p. 144.

² (...) que emergiu na Europa Ocidental com a descoberta e a generalização de conversores de energia inanimada para mover dispositivos mecânicos, responsável também por novas alterações fundamentais na estratificação social, na organização política e na visão do mundo de todos os povos (Conforme: RIBEIRO, Darcy. *O Processo Civilizatório*. Rio de Janeiro: Vozes, sd, p. 147).

³ A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) foram dois conflitos internacionais. Ambas envolveram quase todos os países do Globo e ambas terminaram com a derrota da Alemanha e seus aliados. (Conforme: CONHECER. São Paulo: Abril Cultural, 1967, p. 1.015).

tecimentos ligados à expansão do sistema capitalista a vários territórios, novas feições às cidades, além da pressão das massas, com a vigilância das instituições sociais, contra os dirigentes do sistema. Ao mesmo tempo, estes dirigentes impediam os levantes, ao criar um Estado à sua imagem e semelhança, mergulhados no mito narcísico, mas, talvez guiado pelo fim trágico do herói grego, aquele sistema não parecia ser tão irreversível, apesar de monopolizador de riqueza e renda. Novas revoltas surgiam nos intestinos das classes.

Guiados por uma tentativa de explanação e sem a pretensão de apontar em tão poucas páginas aquilo que os livros de História definem tão bem, deve-se, antes de se descrever a época do escritor/jornalista, fazer um breve passeio por este momento brasileiro, sem esquecermos o clímax mundial, compreendendo o passado colonial e sua influência nos destinos do Brasil do século XIX, início do XX.

É no século XIX que o Brasil saía do período colonial recebendo como herança as conseqüências do regime de exploração implantado pela monarquia lusitana. Um século, na visão do historiador Caio Prado Júnior que

marca uma etapa decisiva em nossa evolução e inicia em todos os terrenos, social, político e econômico, uma fase nova. Debaixo daqueles acontecimentos que se passam na superfície, elaboram-se processos complexos de que eles não foram senão o fermento propulsor, e, na maior parte dos casos, apenas a expressão externa.⁴

O sistema colonial se esgotara, levando consigo a fertilidade das terras da Colônia, arrasadas durante séculos pelo plantio indiscriminado da cana-de-açúcar e, no século XVII, pela exploração predatória de diamantes. Na visão do autor, a separação política

⁴ JÚNIOR, Caio Prado. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. 23 ed., São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 9.

do trono português, em 1822, não seria o suficiente para implementar mudanças *mais profundas*. JÚNIOR compara aquele ano de 1942 (lançamento de sua obra) e o passado colonial brasileiro, chegando à conclusão que o país *na maior parte dos exemplos, e no conjunto, em todo caso, atrás daquelas transformações que às vezes nos podem iludir, sente-se a presença de uma realidade já muito antiga que até nos admira aí achar e que não é senão aquele passado colonial*.⁵

Como exemplo desta herança, estão as relações *elementares e muito simples* geradas pela escravidão entre o português colonizador e o Brasil, cujo fim era abastecer a Europa com os produtos extraídos à exaustão do solo brasileiro, o nascimento de novas classes sociais, superando a dicotomia senhor/escravo, o avanço das idéias francesas e, em especial, a influência da Independência das colônias britânicas na América do Norte (1776). Não que os males da Colônia fossem atribuídos ao sistema em si, conforme o historiador nos explica, *mas ao modo pelo qual se praticava e sobretudo aos desvios que nele se tinham introduzido*.⁶

A Independência do Brasil e as mudanças no século XIX na economia, na sociedade e na política eram inevitáveis e a antiga colônia, de grande celeiro português, passa pela larga porta daquele século com novos trajes, preservando velhos hábitos. A Abolição da Escravatura (1888) retirava o país das últimas amarras da Colônia, dando aos negros a carta de alforria, assinada com a letra Real da princesa Isabel, mas não pôs um ponto final no preconceito contra a cor ou a origem. Os *pretos* eram tratados como um objeto, acompanhando as moças ou servindo mesas ou ainda transformados em objetos de desejo, esparramadas na cama do senhor, e tendo como testemunha os lençóis e os picumãs da Casa-Grande. Além disso, não eram integrados como mão-de-obra livre nas cidades, não tinham experiência com o trabalho industrial, especialidade dos imigrantes europeus. Os escravos ou ex-escravos eram relegados a faixas sociais mais carentes, enfei-

⁵ Idem, p. 10.

⁶ Idem, p. 360.

tando as favelas e os cortiços na característica paisagem urbana. A revolta contra os desequilíbrios gerados pelo passado colonial não raro explodiam e, nos rumos da República, no fundo de cada rebelião ou revolta, atuava o desemprego, a fome, a miséria. Nas palavras do escritor, ao olhar aquelas pessoas no parque na cidade do Rio de Janeiro, largadas com as fisionomias *fatigadas, tristes, tendo estampada na comissura dos lábios sem forças a irreparável derrota na vida.*⁷

Eis a República, com seus sonhos e fantasias, que parece ter dado nova face ao homem, na descrição de Lima Barreto. Uma *sociedade muito corrupta.*⁸ O escritor compara a novidade chamada República e o Império: *A República soltou de dentro das nossas almas todas uma grande pressão de apetites de luxo, de fêmeas, de brilho social. O nosso império decorativo tinha virtudes de torneira.*⁹ Era o momento da elegância, das *gordas negociatas.*

Neste contexto, nasce o jornalista carioca, retratando a falência do sistema econômico e social brasileiros entre os pobres, os negros, o jornalista ignorante e mentiroso, o deputado corrupto, o funcionário público burocrático, as mulheres ávidas por casamentos. Todos produtos da tendência à marcante diferenciação e à crescente complexidade da sociedade no capitalismo nascente, entre diversidades regionais, raciais e culturais.

1.1 O Brasil dos Interesses e Derrotados

Era o Brasil dos derrotados, no meio de uma crescente concentração de renda gerada pelo café e o leite. Os interesses econômicos dos fazendeiros eram tão nefastos que traziam consequências evidentes nas cidades. O Estado, responsável pelo bem-estar social, não regulava os mecanismos de distribuição de renda e, sem polí-

⁷ BARRETO... op cit. p. 46.

⁸ Idem, 113.

⁹ Idem, 108.

ticas para diminuir as desigualdades sociais, a hiperurbanização, com poucas medidas de contenção, aumentava a miséria no meio urbano. O Estado era o esteio daquelas práticas tradicionais de produção, blindando o café das crises internacionais, queimando a produção e garantindo a acumulação de bens e riquezas por parte dos grupos dominantes, facilitando o monopólio de poucos nas riquezas nacionais e reduzindo o nível econômico de subsistência. Estigmatizados, a sobrevivência dos grupos *periféricos*, nas fileiras da violência e da brutalidade, causava espanto para o jovem escritor, pois parecia existir *uma estranha tenacidade, um tanto mais forte quanto mais humilde e miserável*.¹⁰ A casa de cômodos, talvez de um antigo oficial da marinha, no Rio Comprido era o teto daqueles famintos, o resumo do Brasil esquecido, onde

de longe, parece que toda essa gente pobre, que vemos aí vive separada, afastada das nacionalidades ou pela cor; no palacete, todos se misturavam e confundiam. Talvez não se amassem, mas viviam juntos, trocando presentes, protegendo-se, prestando-se mútuos serviços. Bastava, entretanto, que surgisse essa desinteligência para que os tratamentos desprezíveis estalasses de parte a parte.¹¹

Naquele Brasil sem opulência, afinal, o espírito de decadência e humilhação dos pobres tinha explicação, pois o senhor sabe: nós, quando não temos ninguém, é isso...¹² Os tempos eram sinistros, não tinham mais seres virginais e os tesouros agora estremeciam a alma, na funda galeria do desespero... e, diante da polícia, representação simbólica do Estado, todos se misturavam, afrontavam as balas, unidos pela mesma irritação e pelo mesmo ódio a polícia, onde uns viam o seu inimigo natural e outros o Estado, que não dava a felicidade, a riqueza e a abundância.¹³

¹⁰ Idem, p. 128.

¹¹ Idem, p. 127.

¹² Idem, p. 129.

¹³ BARRETO... op. cit. p. 144.

Era um campo social composto por vários brasis, lembrando FREYRE, cheirando ao mofo do passado, embotado em um sistema de marginalização, uma população vivendo como na *Idade Feudal*, pelo menos se comparada aos europeus.¹⁴ Por outro lado, uma casta cultural irrequieta, como nos anos 70 do século XIX *sob a inspiração de sua própria juventude, revoltada contra o conservantismo dos mais velhos, dominadores absolutos das letras jurídicas e filosóficas nos meados do século XIX*.¹⁵ Na Europa, assiste-se a uma civilização complexa e diferenciada, influenciada pelo desenvolvimento industrial, e o Brasil sentia os ventos dos novos padrões, mas, na opinião do pernambucano, estes jovens rebeldes, viajados pelo velho continente, ainda eram meninos *que aprenderam a falar como gente grande*.¹⁶

Ao mesmo tempo, a urbanização brasileira, atrelada à Revolução Industrial, contribuía para esta *revolução ideológica*, onde diversos movimentos sociais e reivindicatórios tentavam convocar os homens à ação naquela realidade aparentemente inflexível. Concorda-se com RIBEIRO quando, ao explicar as sucessivas revoluções tecnológicas, mostra-se que há desdobramentos não apenas nas potencialidades da vida material, mas na *transfiguração das formações sócio-culturais*.¹⁷ E o escritor vai mais além, ao apontar que

os processos civilizatórios gerais correspondem às seqüências evolutivas genéricas, em que vemos difundirem-se os efeitos de um surto de inovações culturais como um movimento de dinamização da vida de diversos povos em consequência do desencadeamento de uma revolução tecnológica. Cada um deles, ao propagar-se, mescla racialmente e uniformiza culturalmente diversos povos, incorporando-os a todos

¹⁴ FREYRE, Gilberto. *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*. Rio de Janeiro: Artenova, 1964, p. 39.

¹⁵ Idem, p. 43.

¹⁶ Idem, Ibidem.

¹⁷ RIBEIRO... op. cit.. p. 148.

em novas formações sócio-culturais, como núcleos cêntricos e como áreas dependentes.¹⁸

A Revolução acabaria gerando um efeito cascata, ou seja, as cidades que lograram industrializar-se alcançariam um poder inimaginável e *submetendo as demais a formas de dominação cada vez mais sutis e imperativas*.¹⁹ Elementos capazes de remodelar pessoas, grupos sociais e países, os últimos agindo sobre os outros *alterando sua estratificação social e, com ela, as estruturas de poder e redefinindo profundamente sua visão do mundo e seus corpos de valores*.²⁰ A classe dirigente deste processo era a burguesia urbana, com disponibilidade permanente de investimento e fazendo aumentar a demanda de seus produtos nos nascentes centros urbanos.

Na periferia mundial deste processo, o Brasil acompanhava o surto de urbanização, com o aumento da população nas cidades, galopando na expansão da atividade cafeeira no campo e o investimento dos grandes proprietários rurais em outros setores, como o comércio e a indústria, estimulados pela crescente pobreza da população, fora dos indicadores de *poder e status*. As lavouras de café eram os símbolos da modernidade daqueles tempos, substituindo a cultura da cana-de-açúcar, mas preservando *semelhante poder feudal, desenvolvido nos engenhos e nas grandes fazendas de criar*.²¹

Resultado das formas tradicionais de produção no país, a urbanização parecia atuar de maneira estranha às pessoas, em suas peculiaridades, criando justificativas àqueles ambientes repletos de diferenças e discriminações, revelando contradições, injustiças e privilégios. Depois de ouvir o relato do velho coronel sobre o Rio antigo, agora preso às reminiscências do Império, o escritor Caminha olhava aquela cidade, suas alterações paisagísticas, o bonde e

¹⁸ Idem, p. 152.

¹⁹ Idem, p. 148.

²⁰ Idem, ibidem.

²¹ FREYRE... op. cit. p. 62.

pelas calçadas um vaivém de gente animava a praça. À direita, a grande e acaçapada fachada do quartel-general começava-se a recolher-se na sombra. Mulheres maltrapilhas, aos grupos, negras, mulatas, brancas, bamboleando as ancas, eram seguidas por soldados gingando. As calças pareciam mais vermelhas e as mulheres mais sujas. Um coche de enterro arrancava respeitosamente os chapéus aos traseantes; um caminhão, pejado de fardos, interceptava a marcha dos bondes, a desviar-se de uma andorinha que vomitava móveis, mal suspensos por cordas à sua traseira... Passava tudo isto sob os meus olhos tristes e desalentados.²²

De um lado, estava a cidade com diferentes ideais, seu horizonte de divisão social e sua diversidade de grupos em conflito; do outro, o perfume das mulheres trazendo no ar os paradoxos da sociedade mais otimista na realização individual. Conforme a análise do escritor sobre

as botinas, os chapéus petulantes, o linho das roupas brancas, as gravatas ligeiras, pareciam dizer-me: Veste-me, ó idiota! nós somos a civilização, a honestidade, a consideração, a beleza e o saber. Sem nós não há nada disso; nós somos, além de tudo, a majestade e o domínio.²³

A cidade do Rio de Janeiro mostrava decepcionante aspecto, apesar de não ser diferente das demais, longe da imaginação do escritor, com ruas sujas, sem luz ou calçamento, lixo acumulado misturado às fezes humanas, gente de baixa renda *apinhada* nos subúrbios, uma cidade

²² BARRETO... op. cit. p. 46.

²³ Idem, p. 43.

inesperadamente feia, fechada em frente por um edifício sem gosto, ofendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bela e majestosa. Nas ruas, havia muito pouca gente e do bonde em que as ia atravessando, pareciam-me feias, estreitas, lamacentas, marginadas de casas sujas e sem beleza alguma.²⁴

Ora, que cidade era aquela, entre ilusões do autor, senão aquela aspirada em novos ideais, apontando para uma estratégia distributiva da renda, um mundo a salvo da ação unilateral de algumas classes sociais? Aquela não era a cidade de seus sonhos, todavia um local de *doidos*, no desabafo do velho coronel Figueira, pois, para ele, *está tudo mudado: Abolição, República... Como isso mudou! Então de uns tempos para cá, parece que essa gente está doida; botam abaixo, derrubam casas, levantam outras, tapam umas ruas, abre outras... Estão doidos!!!*.²⁵

Este Brasil permeado de transformações sociais seria bem compreendido pelo grande memorialista.

1.2 O poder sobe ao Poder

A hegemonia de um grupo, cujo objetivo era salvaguardar o próprio poder e os privilégios naquele Brasil de desvantagens, não deixou de existir com a Proclamação da República, por Marechal Deodoro, instalando um governo provisório na noite de 15 de novembro de 1889. Depois, veria a ascensão dos oligarcas do café à Presidência da República, com uma experiência acumulada nos últimos anos do Império naquele século XIX no acirramento dos antagonismos de homens privados de segurança econômica e social, cujos maiores representantes eram os negros pós-Abolição, estendendo seus tentáculos até a entrada de Getúlio Vargas no

²⁴ Idem, p. 31.

²⁵ Idem, p. 47.

Palácio do Catete, sede do Governo Federal, no Rio de Janeiro, com a deposição do último presidente da República Velha ²⁶, Washington Luiz, em 1930. Não apenas a questão social era vista como caso de polícia, entretanto, o nível econômico-social aumentava a segregação aos pobres ou escassamente qualificados. Tinha-se de permanecer no poder a qualquer custo monopolizando os processos de decisão e as eleições.

Sob a batuta do marechal alagoano, de governo violento e atitudes radicais esmagando os conflitos sociais na ponta da espada, encaminhava-se o país até a elaboração de uma nova constituição, em 1891. Eleito presidente, depois de uma campanha com requintes de terror, incluindo ameaças de subordinados em vencer a eleição *na marra*, o Marechal transformou o Brasil em um quartel, fechando o Congresso Nacional. A crise econômica, pressões políticas e denúncias de corrupção envolvendo seus ministros arruinaram o governo, entregue em frangalhos ao seu sucessor e vice, o segundo marechal, Floriano Peixoto, fulminando focos de ação revolucionária. O terceiro presidente, Prudente de Moraes (1894/1898), inicia o ciclo café-com-leite, onde

o governo federal executava uma política econômica sempre favorável ao interesse das oligarquias dos grandes Estados – São Paulo e Minas Gerais -, que coincidia com a defesa da cafeicultura. O apoio dos outros estados era obtido através da política dos governadores, introduzida por Campos Sales (...). ²⁷

Como destaca FERREIRA, ao refletir sobre a *política dos governadores*, em que prevalecia um pacto ou uma *troca de favores* entre o presidente da República e os governadores dos es-

²⁶ Período compreendido entre 1894 a 1930, com uma fórmula que reconhecia à lavoura cafeeira somada à pecuária o devido peso nas decisões econômicas e políticas do país (Conforme: BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1979, p. 339).

²⁷ FERREIRA, Olavo Leonel. *História do Brasil*. 17 ed. São Paulo: Ática, 1995, p. 291.

tados, com regras internas movimentando as engrenagens sócio-político-econômico-ideológica da República Velha. Os governadores apoiavam as oligarquias, graças ao acordo para manutenção do *status quo* daquela estrutura complexa, apoiada em injustiças e privilégios, um poder de decisão inimaginável e liberdade de coordenar o chicote do Estado, porque

a nossa longa tradição escravocrata habituou mal as elites a tratarem grosseiramente as classes populares e médias, com o desprezo de quem se acredita melhor do que os demais. Não é espantoso então que a violência, a delinquência e a criminalidade, que assumem formas cada vez mais cruéis, constituam hoje a face mais ostensiva do mal-estar brasileiro.²⁸

Na base, os coronéis os grandes proprietários de terras e chefes políticos locais *que controlavam as eleições nos municípios através da troca de favores ou do uso da violência.*²⁹

Em *Recordações*, aquela estrutura de benesses e *capenga* é representada pelo poderoso coronel Belmiro, pouco letrado, contudo ostentando o domínio bastante relevante assumido daquelas gentes. O deputado Castro foi eleito pela maioria, todavia sob a força inesperada da impunidade. *Você tem direito, Seu Valentim... É... Você trabalhou pelo Castro... Aqui para nós: se ele está eleito, deve-o a mim e aos defuntos, e a você que desenterrou alguns.*³⁰ Nessa teia de convivência estava o voto de cabresto³¹, e Caminha escutava o discurso do coronel sem maiores vexames ou cerimônias.

²⁸ BIRMAN, Joel. *Uma nação de invejosos*. Folha de São Paulo, MAIS! Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp. Acesso em 10 de setembro de 2005.

²⁹ FERREIRA... op. cit. p. 292.

³⁰ BARRETO... op. cit. p. 25.

³¹ Os coronéis interferiam nas eleições, obrigando seus subordinados a votarem nos candidatos que eles determinavam (Conforme: FERREIRA... op. cit. p.293).

Ora, acreditava-se na imagem formulada do legítimo representante da República dos Estados Unidos do Brasil, deixando de lado os interesses da nascente República e pagando o preço inevitável cobrado pelo coronel Belmiro porque *tínhamos a convicção de que o verdadeiro deputado era o coronel e o doutor Castro um simples preposto seu*.³² Definitivamente, os homens ditos melhores não governavam para todos, com *sabedoria, humildade e compaixão*.³³

Nessa relação de promiscuidade, os coronéis alimentavam o engrandecimento do sistema da República Velha. Enquanto isso, o crescimento da pobreza nas cidades aumentava *as fileiras da pequena classe média, da classe operária e do sub proletariado*.³⁴

Entretanto, a cidade era o sonho, a conjunção de anjos e demônios, o Paraíso e o Inferno. Um grito de esperança guiava os ouvidos do escrivão, através da sibila, entre ares sagrados, misturados ao profano *Vai Isaías!, vai!... Isto aqui não te basta... Vai para o Rio !*.³⁵ Aquele ar de progresso, de civilização, misturando antigas práticas, sua polícia e políticos com *arranjos e não querem que ninguém saiba*,³⁶ a *bajulação* ou essa relação quase parasitária entre os dois lados permitia passar um véu nas *traquinagens* e tudo se resolvia no Brasil, através dessa elite e seus *esquemas* com um temperamento canalha e uma dose de cinismo, porque tudo era *a questão é pendurar, quando se entra, a sobrecasaca de cavalheiro no Pão de Açúcar; e no mais- tudo vai às mil maravilhas!*³⁷

Deixar de ser cavalheiro era apenas uma das senhas para par-

³² BARRETO... op. cit. p. 45.

³³ COUTINHO, João Pereira. *A Antielite Brasileira*. Folha de São Paulo, MAIS! Disponível em: www1.folha.uol.com.br/fsp. Acesso em 10 de setembro de 2005.

³⁴ BOSI... op. cit. p. 340.

³⁵ BARRETO... op. cit. p. 22.

³⁶ Idem, p. 52.

³⁷ Idem, 43.

tipicar deste mundo. O ideal das classes médias era se espelhar nesta elite

não apenas para usufruírem de suas benesses e serem os seus cortesãos como também para se transformarem, quem sabe, em elites no futuro, se pintar uma boa boca. Trata-se de uma relação promíscua e até mesmo, às vezes, incestuosa. É esse ethos de novas classes médias, que não prezam a sua condição social e não podem assim acumular qualquer capital simbólico.³⁸

A cidade dava ares de verniz ao processo. Assim, o homem ideal tinha de ser formado ou ter emprego ou arranjar uma boa fortuna ou ainda o *pistolão*, através das *amizades* influentes na política ou nos cargos públicos, naquela atmosfera de busca frenética pela ascensão social.

Às mulheres ilustradas, de *boa* condição social, falava-se francês, montava-se cavalo e tinha-se *boa* ortografia, insinuando termos ligados à área científica ou rondando os círculos culturais europeus. Como ressalta COSTA, ao explicar que

a nova classe social necessitava de um saber mais pragmático, menos vinculado a uma estrutura social herdada da colonização, capaz de transformar a antiga colônia numa nação capitalista. Além do combate às oligarquias agrárias era necessário instruir e emancipar as camadas populares, de maneira a desenvolver necessidades e atitudes políticas, além de novas alianças ideológicas. Os interesses que emergiam deveriam estar expressos na cultura da época.³⁹

³⁸ BIRMAN... op. cit.

³⁹ COSTA, Cristina. *Sociologia: Introdução à Ciência da Sociedade*. São Paulo: Moderna, 1997, p. 173.

Para a emergência desta nova classe, típica da situação de domínio e exclusão nas cidades, o diploma universitário ganhava mais importância que o título de propriedade. Era a obsessão de Caminha, uma maneira de burlar as perseguições e injustiças de sua origem, pois

era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, vários, polifórmicos... Era um pallium, era alguma coisa como clâmide sagrada, tecida por um fio tênue e quase impoderável, mas a cujo encontro os elementos, os maus olhares, os exorcismos se quebravam.⁴⁰

Conforme análise de FREYRE, apontando que aos quinze ou dezesseis anos, o menino terminava os estudos no colégio. Era a época de ingressar na escola superior *para a Academia, como então se dizia Academia de Direito, Academia de Medicina. O estudante de uma dessas academias não era um estudante qualquer: era um Senhor Acadêmico.*⁴¹ O título ou o diploma não era bem uma exigência da República, todavia, na época do Império, até mesmo filhos de escravos eram valorizados, seguindo as convenções de um casamento com moça ilustre ou a instrução do curso superior. O escravidão buscava o último.

⁴⁰ BARRETO... op. cit. p. 26.

⁴¹ FREYRE... op. cit. p. 93.



Figura 3 – Impressora de Marinoni.

Capítulo 2

Expansão da cidade e do jornalismo

Guiados [os jornais] pelas mesmas leis, obedecendo quase a um único critério, todos eles se parecem; e, lido um, estão lidos todos.¹

Seguindo a tendência da mudança no aspecto das cidades, com o inchaço do meio urbano e a alfabetização de mais camadas da população, o jornalismo, pouco a pouco, altera as feições no tratamento da notícia.² *A informação jornalística se alicerça na sociedade urbana e industrial.*³

Progressivamente, instala-se a cultura da velocidade, ligada à expansão da mercadoria no capitalismo, pois

¹ BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 2002, p. 101.

² A matéria-prima do jornalismo, pois somente depois de conhecidos e divulgados é que os assuntos aos quais se referem podem ser comentados, interpretados e pesquisados. Conforme: ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de Codificação em Jornalismo: Redação, Captação e Edição no Jornal Diário*. São Paulo: Ática, p. 99).

³ MEDINA, Cremilda. *Notícia: Um Produto à Venda: Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial*. 2 ed. São Paulo: Summus Editorial LTDA, 1988, p. 15.

como a informação e o conhecimento são os insumos principais de uma ordem produtiva altamente tecnologizada, a velocidade converte-se em valor cultural por excelência, tanto no nível da circulação de informações quanto do ritmo de capacitação para o trabalho. ⁴

Assim, a velocidade se espalha por todos os setores porque *é preciso integrar em todas as dimensões os centros mundiais de decisão financeira, desbloquear a circulação instantânea dos capitais e acelerar as informações.* ⁵

Com o desenvolvimento comercial, registrado a partir do século XIII, na Europa, a notícia começa a se desgarrar dos decretos, proclamações e exortações das igrejas. A circulação de mercadorias nos burgos fazia chegar novas técnicas e informações de povoados distantes. Em 1452, GUTEMBERG ⁶ imprime a Bíblia. *A prioridade atribuída a ele na invenção da imprensa é discutível, mas a tecnologia gráfica resultou seguramente do comércio asiático.* ⁷ Pouco mais de um século depois, em 1609, a Alemanha imprime seu primeiro jornal.

No século XIX, o jornalismo também altera o tratamento dado a notícia, já com a revolução industrial, porque *a notícia terminaria sendo a matéria-prima principal, conformando-se a padrões industriais através da técnica de produção, de restrições do código lingüístico e de uma estrutura relativamente estável.* ⁸

Com a modernização dos recursos tecnológicos na área de impressão das páginas, especialmente com a invenção da impressora rotativa, a Marinoni ⁹, que acabou viabilizando ainda mais, tecno-

⁴ SODRÉ, Muniz. *O Globalismo como Neobarbárie* in MORAES, Dênis de (org.). *Por uma Outra Comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 24.

⁵ Idem, p. 29.

⁶ João Gutemberg (1398-1468) Criador do processo de impressão com tipos móveis. (Conforme: *CONHECER*. São Paulo: Abril Cultural, 1967, p. 247).

⁷ LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2003, p. 9.

⁸ Idem, p. 13.

⁹ Máquina com capacidade de imprimir 20.000 exemplares por hora.

logicamente, o jornalismo, a informação obedece a uma sucessão de eventos, intercalados entre si: *informação jornalística como produto da comunicação de massa, comunicação de massa como indústria cultural e indústria cultural como fenômeno da sociedade urbana e industrializada.*¹⁰

A velocidade na construção do produto, para o consumo da sociedade, muda a concepção de tempo, inclusive na construção da notícia. Assim, no jornal diário *só existe o hoje. O ontem representa um passado distante e o amanhã, um futuro longínquo. O que importa é a notícia que tem de ficar pronta para entrar na próxima edição. E o tempo não espera nem abre exceção.*¹¹

No Brasil, como resultado da crescente exigência sócio-cultural, manifestada a partir do desembarque da família real portuguesa, em 1808 e a independência brasileira, em 1822, além da circulação rápida de idéias, vindas da Europa, o primeiro jornal a surgir, com essa tendência mais ligada à industrialização da notícia, foi o *Correio Brasiliense*, impresso em Londres, pertencente a Hipólito José da Costa. Jornal com circulação mensal, sua linha editorial era bem definida: separar a então colônia brasileira dos grilhões portugueses, tanto assim que deixou de circular em 1822, data da Independência do Brasil.

Sobre este jornal, lido quase assiduamente pelo imperador D.João VI, MARTINS identifica algumas características: *Não era, porém, exclusivamente, o jornal da oposição, perseguido e caçado pelas autoridades. Sua função fiscalizadora e saneadora era apreciada quase oficialmente.*¹²

Essa impressora rotativa é considerada a precursora das máquinas off set, existentes nos jornais atualmente. O nome da impressora vem em homenagem ao seu inventor, o francês Hippolyte Marinoni (1823-1904). Conforme: <http://www.biografiasyvidas.com/biografia/m/marinoni.htm>. Data da Consulta: 26/02/2006.

¹⁰ MEDINA... op. cit. p. 17.

¹¹ TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O Mundo dos Jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993, p. 35.

¹² MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita: História do Livro, da Imprensa e da Biblioteca*. São Paulo: Ática, 2002 p. 313.

Tamanha era a influência do *Correio* que, a partir dele, o imperador acompanhava a atuação dos seus ministros ou funcionários do governo. Demitia ou nomeava, mexia em funções, adequava-se aos ditames do jornal. Contudo, ao mesmo tempo da criação do *Correio*, surgiam também os *interesses*, essa instituição quase desconhecida, todavia bastante atuante no jornalismo, indo mais além dos ditames mercadológicos, obscurecendo alguns fatos ou omitindo diversos, controlando aquilo a ser publicado em um órgão que se colocava como vigilante sobre a atuação do Estado.

Em um suposto acordo, entre Hipólito e o imperador, segundo o autor provocado pelo primeiro, estava garantida, entre outras coisas, a compra de 500 exemplares do jornal, pela Coroa e, por outro lado, o jornal cessaria, em primeiro lugar, os ataques ao governo, a religião, aos *bons costumes*, evitando ainda questionamentos sobre os direitos do soberano D.João VI. O universo do acordo é *nebuloso* e MARTINS aponta a dúvida, talvez insolúvel para a história da imprensa brasileira: será que o *Correio*, órgão oposicionista, ferrenho defensor da liberdade brasileira, sem a influência de Portugal, teria posto em prática tão sórdida *lei do silêncio*?¹³

Apesar deste universo de dúvidas, permeando o jornalismo brasileiro e suas relações com as instituições governamentais, controlando ou negociando aquilo que deveria ser publicado, nesta época vários órgãos da imprensa surgiam com a proposta de mostrar os *escândalos* da Corte, geralmente os que envolviam personalidades públicas, especialmente a vida privada de ministros e damas do Império. Eram *periódicos mais ou menos efêmeros, mais ou menos amantes do escândalo*.¹⁴ Porém, reconhece-se a função, importante por sinal, dessa atmosfera criada por estes jornais, para a separação política de Brasil e Portugal, pois por *péssima que tenha sido, efetivamente foi, a qualidade de tantos pasquins, é inegável que se lhes deve em grande parte a abdica-*

¹³ Idem, p. 315/16.

¹⁴ Idem, p. 318.

ção de Pedro I, pelo trabalho de agitação da opinião pública que realizaram.¹⁵

Eram assim os jornais daquela época, mesmo após a Proclamação da República, em 1889. Afeitos aos escândalos¹⁶, eles reproduziam as mesmas coisas, sem *novidades*, além da apelação exagerada através de textos e fotos, interessando-se pelo incrível, o fantástico, o extraordinário, pois

a não ser o *Jornal do Comércio*, podese dizer que os diários do Rio nada têm o que se leia e todos eles se parecem, pois todos têm a preocupação de noticiar crimes, escândalos domésticos e públicos, curiosidades banais e, em geral, ilustrados com zincografias que nada têm com o caso, quando não são hediondas ou imorais, como aconteceu com *O Globo* que, certa vez, deu a de um cadáver exumado, inteiramente nu.
(...)

Guiados pelas mesmas leis, obedecendo quase a um único critério, todos eles se parecem; e, lido um, estão lidos todos.¹⁷

Ao lado da dramatização da vida humana ou realizando este trabalho de mostrar as *negociatas* dos políticos ou pessoas consideradas importantes nas instituições, não se contava com a parcimônia indiscriminada da polícia. A implantação da imprensa no Brasil, seguida do jornalismo, não significa liberdade de pensamento. Havia a regulação do Estado, principalmente quando os assuntos abordados nos primeiros periódicos se referiam a três pontos nevrálgicos: religião, legislação e política. A circulação de idéias deveria contar com autorização expressa do rei, sacramentada através de ofício. Quem desobedecesse, poderia ser preso ou

¹⁵ Idem, p. 319.

¹⁶ Que pode causar alvoroço, tumulto. (Conforme: FERREIRA. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 11. ed. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1964, p. 484).

¹⁷ BARRETO... op. cit. p.101.

pagaria multa.¹⁸ Todavia, a medida, de longe, era considerada eficaz: livros e jornais, considerados subversivos circulavam antes e depois da Independência. *A polícia sempre perseguia tais publicações; mas, mudando de título e talvez de proprietários, de quando em quando, ressurgiam com nomes mais ou menos sugestivos e imorais.*¹⁹

Contando este clima no século XIX, em relação à imprensa, BARRETO fala destes jornais, com notícias picantes do submundo político, que circulavam no Brasil. Em *O Azeite*, descreve o escritor, *se denunciavam os namoros e também, com grosseiros circunlóquios, os escândalos familiares e os adultérios da cidade*²⁰; em *O Carbonário*, seguia a mesma tendência. *Desapareceu em, daí em diante, os que vieram à publicidade não se demoraram na venda.*²¹

Cada qual com sua diferença editorial ou na maneira de tratar determinados assuntos, os jornais tentavam obedecer às regras de atualidade das notícias, difusão dos acontecimentos e a universalidade, um jornal em que *todos o liam; era o jornal dos desgostosos, dos pequenos empregados, dos rates de todas as profissões e também dos ricos que não podem ganhar mais e dos destronados das posições e das honras.*²²

Os jornais mostrariam ao público o que vestir, beber, regras de conduta para *vencer na vida* além dos maus hábitos dos ricos e poderosos.²³

2.1 Padronização na Notícia

Com o desenvolvimento da imprensa, e, conseqüentemente, do jornalismo, no século XIX, a notícia passa a ter um caráter in-

¹⁸ MARTINS... op. cit. p. 309.

¹⁹ BARRETO... op. cit. p. 38.

²⁰ Idem, ibidem.

²¹ Idem, ibidem.

²² Idem, p. 106.

²³ LAGE... op. cit. p. 15.

dustrial e, nas redações, há a clara distinção de tarefas em todos os setores, desde os revisores, passando pelos repórteres e alcançando os editores. Assim, imaginava-se

então, uma segmentação de funções, como numa linha de montagem – a transferência para a redação do modelo produtivo do taylorismo, baseado no princípio de que quem cumpre só uma pequena tarefa é capaz de cumpri-la com a máxima eficiência. Imaginava-se, por algum tempo, que os repórteres deveriam apurar, os redatores redigir, os redatores do copy-desk confrontar e corrigir, os diagramadores montar as páginas e os editores comandar isso tudo. ²⁴

Para TRAVANCAS, o próprio conceito de *redação* se nutre desta concepção de divisão do trabalho e esta funciona como elemento propulsor na concepção da notícia. Para a autora, *redação é a área de atuação do jornalista e está subordinada a regras próprias. Seus funcionários estão divididos hierarquicamente, cada qual com uma função previamente estabelecida.* ²⁵

A própria verticalização da estrutura de uma redação, segundo MELO, incidiria como um dos critérios de controle da informação a ser veiculada pelo meio de comunicação, pois

as decisões fluem de cima para baixo, desde o editor chefe até a chefia de reportagem ou às editorias especializadas. É uma relação de ordem e obediência, na qual as chefias decidem o que os seus subordinados vão fazer e cobram o cumprimento integral da execução, dispondo ainda de instrumentos adicionais para corrigir as distorções. ²⁶

²⁴ Idem, p. 20

²⁵ TRAVANCAS... op. cit., p. 14.

²⁶ MELO, José Marques de. *Jornalismo Opinativo: Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro*. 3 ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003, p. 76.

Para o alagoano, *quem militar nos meios jornalísticos sabe que de períodos em períodos as empresas efetuam reformulações nos seus quadros redacionais, e ‘expurgam’ aqueles que insistem em desafiar a orientação oficial.* ²⁷

No *O Globo*, aqueles que burlassem a orientação do jornal eram punidos. Criava-se, então, um modelo de funcionário, adequado ao aparato ideológico do sistema midiático. Valia a bajulação aos chefes, a *arrogância* na falsa demonstração do poder que a estrutura expunha aos empregados da redação. E como uma fábrica a exigir perfeição de suas peças, bastante conectadas umas as outras, o respeito religioso à estrutura criada por Loberant, o dono do jornal, criava os fantasmas, quase eternos, das demissões, que

não eram raras aliás. No jornal, háas de mês a mês; por dá cá aquela palha, o diretor ou o secretário demite, suspende, multa nos ordenados. Dai vem o terror dos subalternos, a lisonja, o respeito religioso de que são cercados os chefes. Entretanto, quantas vezes se não lêem acres censuras ao ministro que demitiu este ou aquele funcionário, por motivos em geral mais plausíveis! ²⁸

Obedecendo a essa clara divisão de tarefas e a esse terrorismo da expurgação, como nas fábricas do século XIX, início do século XX, além dos critérios de padronização na concepção da notícia, como mais um produto do capitalismo, inclusive na apuração e processamento dos repórteres, os títulos ²⁹ e os furos ³⁰ viraram

²⁷ Idem, p. 77.

²⁸ BARRETO... op. cit. p. 102.

²⁹ Frase tipograficamente composta em letras grandes que se dispõe acima, abaixo ou ao lado do texto, com a finalidade de dar ao leitor uma orientação geral sobre a matéria e despertar seu interesse por ela. (Conforme: ERBOLATO... op. cit. p. 251).

³⁰ O jornal que publicasse primeiro o relato de um fato de interesse público seria lido em lugar de concorrentes e ganharia pontos na preferência dos

peças-chave na manutenção dos jornais porque eram as *vitrines* do jornal. Algumas vezes, até a ética ³¹ do jornalista era posta de lado, para se conseguir o tão sonhado furo; por outro lado, na venda do jornal, também valia tudo, até mesmo inventar escândalos, já que

Loberant sabia o segredo do seu sucesso e velava pela folha com cuidados especiais. Diariamente lhe vinham informações sobre a venda avulsa, sobre o movimento de anúncios. Se decaíam um pouco, logo procurava um escândalo, uma denúncia, um barulho, em falta um artigo violento fosse contra quem fosse. Havia na redação farejadores de escândalos; um, para os públicos; outro, para os particulares. Este era o mais interessante. Tinha uma imaginação doentia; forjava coisas terríveis, inventava, criava crimes. Eram cárceres privados, enterramentos clandestinos, incestos, tutores dolosos, etc. ³²

Com todos estes aparatos, a notícia era tratada como mercadoria, comprada e vendida com o objetivo de obter lucros. O discurso posto no jornal daquela época, como demonstra *O Globo* era destinado às massas, pois *na imprensa, os artigos são cada vez mais curtos, as frases são breves, os títulos impactantes, como um modelo publicitário ou qualquer discurso da cultura de massa* ³³, ou seja, *muito elementar, é um vocabulário que todo mundo*

leitores em geral, para as próximas edições. Conforme: LAGE, Nilson. *A Reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 15.

³¹ Concernente a moral. Conjunto das nossas faculdades morais; o que há de moralidade em qualquer coisa; relativo aos bons costumes. (Conforme: FERREIRA. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 11. ed. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1964, p. 823).

³² BARRETO... op. cit. p. 109.

³³ AMONET, Ignácio. *O Poder Midiático* in MORAES, Dênis de (org.). **Por uma Outra Comunicação**. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 249.

*possui, é uma construção sintática, uma construção retórica que todo mundo pode entender.*³⁴

No diário carioca, esse discurso era repleto de elementos de dramatização, espetacularização da notícia, com uma construção sintática simples. Artigos *pesados* eram desprezados, mas substituídos pelas *fórmulas*, utilizadas para a padronização da notícia, já que,

nos jornais do Rio, os seus sacerdotes consumados entendem por artigo pesado os extensos ou aqueles que não desenvolvem, até à tolice minuciosa, notícias de crimes sensacionais et reliqua. Nada influi para modificarlhes o julgamento a atração do artigo, já pelo assunto, já pelo modo de tratá-lo, já pelo estilo do escritor. Desde que não se trate de crimes espantosos, de idiotas intrigas políticas, uma crônica mais pensada ou um artigo mais estudado será refugado como pesado. A gente dos jornais do Rio só tem idéias feitas e clichés de opiniões de toda a natureza incrustados no cérebro.³⁵

Em tal contexto, surge o editor, aquele que decidirá sobre a publicação ou não de determinado fato e a distribuição do mesmo nas páginas do jornal. Ao mesmo tempo, ele não se guiará apenas pelas leis do mercado mas também por *conveniências que traduzem o jogo dos grupos de pressão ou entidades abstratas como o interesse nacional.*³⁶ Nesta concepção, o leitor passa distante dos critérios utilizados para o destaque ou não de determinado fato porque os jornalistas não possuem tanto ou quase nenhum contato com o seu público e vice e versa, levando os profissionais da informação a trabalhar com imagens, estereótipos ou fantasias

³⁴ Idem, ibidem.

³⁵ BARRETO... op. cit. p. 100.

³⁶ LAGE... op. cit. p. 15.

dos seus leitores, espalhados em diversificados segmentos sociais.
37

2.2 Linha Editorial e Seleção de Informações

Mesmo assim, caberá ao editor decidir a orientação ideológica dos materiais publicados no meio de comunicação, a escolha dos assuntos de cada edição e o *ângulo* das matérias apuradas pelos repórteres. É a chamada *linha editorial*. Afinal, é a partir dela que o meio irá expressar sua opinião, na seleção das informações que *entrarão* ou não nas páginas de um jornal, por exemplo. Como reflete MELO, ao declarar que

é através da seleção que se aplica na prática a linha editorial. A seleção significa, portanto, a ótica através da qual a empresa jornalística vê o mundo. Essa visão decorre do que se decide publicar em cada edição privilegiando certos assuntos, destacando determinados personagens, obscurecendo alguns e ainda omitindo diversos.³⁸

A linha editorial de um meio de comunicação reflete diretamente na *autonomia* do jornalista ou no *campo jornalístico*, na definição de BOURDIEU. Para o francês, essa autonomia, atrelada à linha editorial, *se mede sem dúvida pela parcela de suas receitas que provém da publicidade e da ajuda do Estado (sob a forma de publicidade ou de subvenção) e também pelo grau de concentração dos anunciantes*.³⁹

Ora, parece ficar claro, pelo exposto acima que, à linha editorial aplicam-se alguns critérios, como aqueles que não envolvam

³⁷ TRAVANCAS... op. cit.. p. 33.

³⁸ MELO... op. cit. p. 75.

³⁹ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 102.

riscos nem possam causar *incompatibilidade* com qualquer parcela, considerada relevante à empresa, de seu público, sendo disponibilizados nos meios de comunicação padrões considerados aceitáveis tanto pelos patrocinadores quanto pela audiência. Afinal, *pressões econômicas favorecem o conformismo ao omitirem deliberadamente as questões públicas cruciais*.⁴⁰ São temas considerados *perigosos*, distantes dos olhares sequazes dos jornalistas, capazes de afastar públicos ou anunciantes em potencial porque *os meios de comunicação comercializados renunciam imediatamente a seus objetivos sociais quando estes se mostram incompatíveis com os lucros econômicos*.⁴¹ Desta forma, a notícia é transformada na maldição mitológica do rei Midas: aquilo que tudo toca, vira mercadoria, organizada em signos de curta duração⁴², articulada no ritmo da sociedade de consumo, combatendo uma oposição crítica do sistema institucionalizado na galáxia do sistema capitalista.⁴³ Pré-seleciona-se a informação sob determinada orientação ideológica, espécie de triagem, defendendo interesses e valores evitando a subversão de significados e de critérios de partilha na participação nos bens sociais.⁴⁴

⁴⁰ LAZARSFELD, Paul F., MERTON, Robert K. *Comunicação de Massa, Gosto Popular e Ação Social Organizada* in COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e Indústria Cultural: leituras de análise dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea e das Manifestações da Opinião Pública, Propaganda e Cultura de Massa nessa Sociedade*. 5. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987, p. 243.

⁴¹ Idem, *ibidem*.

⁴² PIGNATARI, Décio. *Informação. Linguagem. Comunicação*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976, p.84.

⁴³ SODRÉ... op. cit. p. 32.

⁴⁴ PIGNATARI... op. cit. p. 84.



Figura 4 – Oficina de impressão de jornal no século XIX.

Capítulo 3

Na redação do *O Globo*

Oh! A vaidade dos desconhecidos da imprensa é imensa! Todos eles se julgam com funções excepcionais, proprietários da arte de escrever, acima de todo o mundo. Não reconhecem que são como um empregado qualquer, funcionando automaticamente, burocraticamente, e que uma notícia é feita com chavões, chavões tão evidentes como os da redação oficial. ¹

A obra analisada retrata a experiência do escritor como contínuo ² no jornal *O Globo* e depois sendo promovido a jornalista, na mesma redação. Longe de ser uma obra de mera ficção, o livro, em verdade, revela os bastidores da imprensa brasileira, resultado da época em que o escritor trabalhou no jornal *Correio da Manhã*, de 1905 a 1909.

Do autor, podem-se destacar, basicamente, dois pontos: 1) as relações hierárquicas entre os membros do *O Globo*, mostrando que o jornal é, antes de tudo, uma empresa, com definição de margem de lucros, contratação e demissão de empregados e uma estrutura ideológica, engrenando as máquinas com uma relação,

¹ BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 2002, p. 118.

² Empregado que nas repartições ou estabelecimentos leva e traz papéis, transmite recados e fez pequenos serviços. (Conforme: FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964, p. 320).

por vezes, de dependência, quase de servidão, dos repórteres com o dono do jornal; e 2) os critérios para apuração, redação e edição das notícias, criando justificativas no vácuo da *concorrência feroz* do mercado, levando o escritor carioca ao questionamento da proposta, bastante disseminada na sociedade, da imprensa como o *quarto poder*.

Apesar da mudança visceral provocada pelo capitalismo no século XIX e a crença de que o homem era o rei na selvageria mercadológica, na redação do *O Globo* o sistema parecia refletir o que as mentes imaginativas não concebiam ou ainda pouco acreditavam ou, para os apocalípticos pesquisadores dos meios de comunicação, uma estrutura gerando a dependência e servidão dos homens, *objetivo último da indústria cultural*.³ Isso porque a criatividade era controlada pelo dono do jornal, os jornalistas obedeciam a fórmulas pré-concebidas⁴ na criação da notícia, repetindo ou desenvolvendo informações de outros jornais cariocas menos lidos ou conhecidos do grande público brasileiro, pois, sabiam que *o que existe na realidade é a opinião dominante que, embora tenha suas faces indesejáveis, leva a produzir consensos, aceitações relativas, convencimentos impostos e assim por diante*.⁵

Na bússola ideológica de Loberant, diretor do *O Globo*, os

³ ADORNO, Theodor W. *A Indústria Cultural*. In COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e Indústria Cultural: Leituras de Análise dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea e das Manifestações da Opinião Pública, Propaganda e Cultura de Massa nessa Sociedade*. 5. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987, p. 294.

⁴ Segundo LASSWELL, uma maneira conveniente para descrever um ato de comunicação consiste em responder às seguintes perguntas: Quem diz o quê em que canal para quem com que efeito. Os manuais comunicação incorporaram esta fórmula em perguntas, cujas respostas devem ser exploradas em texto jornalístico: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por que? (Conforme: LASSWELL, Harold D. *A Estrutura e a Função da Comunicação na Sociedade* in COHN... op. cit. p. 105).

⁵ DEMO, Pedro. *Introdução à Metodologia da Ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987, p. 13.

jornalistas são transformados em membros da vassalagem.⁶ A agulha desta bússola tinha poderes de apontar para o Norte ditado pelo próprio diretor, com capacidade de fulminar funcionários, através da demissão ou humilhação de seus membros em plena redação porque o fenômeno do poder se distingue pela fuga à contestação, legitimando-se em todos os lugares sem oposições. Constrói-se desta forma a crença na legitimidade do fenômeno, criando uma situação considerada normal e desejável, *para que não surja movimento contraditório, interessado em mudar as regras do jogo.*⁷

Desta forma, Loberant era a ideologia⁸ do jornal, espécie de

senhor feudal a quem todos prestam vassalagem e juramento de inteira dependência: são seus homens. As suas festas são festas do feudo a que todos têm obrigação de se associar; os seus ódios são ódios de suserano, que devem ser compartilhados por todos os vassalos, vilões ou não. A recepção do redator português era uma festa sua e ele exigia esse aparato para que tivesse uma repercussão favorável na grande colônia portuguesa. Todos tinham que ir. E se bem que simples continuo, o diretor exigia terminantemente a minha presença, para mostrar aos outros periódicos rivais que no seu jornal não havia distinções vãs, *era uma tenda de trabalho onde mourejavam irmãos.*⁹

⁶ Estado ou condição de vassalo; tributo de vassalo a senhor feudal; submissão. (Conforme: FERREIRA... op. cit. p. 232).

⁷ Idem, 33.

⁸ Significa, para nós, como *justificamos* nossas posições políticas, nossos interesses sociais, nossos privilégios dentro da estratificação da sociedade, e assim por diante. Trata-se de um fenômeno de justificação, de conteúdo predominantemente político, mais do que de argumentação, entendendo-se este como o esforço de colocar a realidade assim como ela é. (Conforme: DEMO... op. cit. p. 17).

⁹ BARRETO... op. cit. p. 129.

Praticamente *deificado* na função de dono do jornal e das consciências que lá mourejavam, Loberant gerava uma hierarquia *ferozmente tirânica*, influenciando na própria concepção da redação. Assim,

o redator despreza o repórter; o repórter, o revisor; este por sua vez, o tipógrafo, o impressor, os caixeiros do balcão. A separação é a mais nítida possível e o sentimento de superioridade, de uns para os outros, é palpável, perfeitamente palpável. O diretor é um deus inacessível, caprichoso, espécie de Tupã ou de Júpiter Tonante, cujo menor gesto faz todo o jornal tremer.¹⁰

Analisando a concepção da notícia nas redações, ROSSI explica que a verticalização do meio é a responsável pela situação de *apatia e amorfismo* nos meios de comunicação, criando a concepção de que *o jornal é uma coisa e eu sou outra*.¹¹ A idéia mais generalizada é que os repórteres *se sentem muito pouco responsáveis pelo produto que está ajudando a confeccionar*, criando-se a idéia de *um certo automatismo característico de linha de montagem industrial, que colide com a visão (ou desejo) de um trabalho intelectual, como o jornalismo deveria ser*.¹²

As conseqüências desta verticalização na estrutura da redação do *O Globo* são sentidas pelo escrivão Caminha. Ele próprio, um contínuo, e depois transformado em jornalista, decreve cada personagem da redação do jornal do Rio de Janeiro, a partir desta disputa acirrada pelo *prestígio*:

À frente, estava o doutor Ricardo Loberant, bacharel em Direito, de inteligência duvidosa e saber inconsciente, com o seu estadomaior, formado de Aires d'Ávila, um monstro geológico com prematuros

¹⁰ Idem, *ibidem*.

¹¹ Idem, p. 104.

¹² ROSSI, Clóvis. *O que é Jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2005, p. 22.

instintos de raposa; e o Leporace, um secretário mecânico, automático, ser sem alma, sem defeitos nem qualidades, que recebia os seus movimentos do exterior e os comunicava às outras peças da máquina; à parte, um tanto afastado, como aqueles traficantes que acompanham os exércitos, havia o Alberto Franzini, o gerente, um italiano de olhar torvo a abranger um grande arco de círculo no horizonte, calculador de níqueis, que joeirava a despesa e trazia para as gavetas do jornal os tostões da população e um pouco dos lucros do comércio português no Rio de Janeiro.

13

Ao mesmo tempo, esta verticalização da estrutura da redação criava uma tendência *opressora de poder*, justificando, por exemplo, o temperamento de Loberant e os valores dominantes guiando *O Globo*, construindo a crença em sua normalidade e legitimidade na pressão para a produção de textos convergentes aos conceitos de seu dono, justificando sua posição vantajosa, diante dos jornalistas. Caminha era um simples contínuo, mas passou a acreditar na força da propaganda ideológica que o jornal fazia de si próprio a sociedade, ou seja, um *fiscal da lei* e agudamente crítico da sociedade republicana. Assim,

as conversas da redação tinhamme dado a convicção de que o doutor Loberant era o homem mais poderoso do Brasil; fazia e desfazia ministros, demitia diretores, julgava juizes e o presidente, logo ao amanhecer, lia o seu jornal, para saber se tal ou qual ato seu tinha tido o *placet* desejado do doutor Ricardo. ¹⁴

Ser admitido naquela redação de entes sagrados, semelhantes a feiticeiros sacrificando-se em danças complexas na elaboração da notícia ao deus-leitor era algo

¹³ BARRETO... op. cit. p. 94.

¹⁴ Idem, p. 99.

extraordinário, superior, acima das forças comuns dos mortais; e eu tive a confirmação disso quando, certa vez, na casa de cômodos em que morava, dizendo-o ao encarregado que trabalhava na redação do *O Globo*, vi o pobre homem esbugalhar muito os olhos, olhar-me de alto a baixo, tomarse de grande espanto como se estivesse diante de um ente extraordinário. As raparigas que residiam junto a mim, lavadeiras e costureiras, criadas de servir, apelidaram-me *o jornalista*, e mesmo quando vieram a ter exato conhecimento da minha real situação no jornal, continuei a ser por esse apelido conhecido, respeitado e debochado.¹⁵

Apesar da criação do mito, o ambiente na redação era mesmo concebido para a divisão em classes. Floc, o cronista literário, cujo pai era dono de uma taverna no subúrbio carioca, era *o fino, o elegante, o diplomático, o macio Frederico Lourenço do Couto, com a sua linda barba perfumada e o seu grande queixo erguido e atirado para adiante como um aríete de couraçado*.¹⁶ Porém, era considerado *sabedor* da arte literária, viajado, subserviente às determinações de classe, com um pessimismo considerável àqueles que não partilhavam da capacidade inesgotável dos grupos interessados em enxergar suas tendências naquelas páginas divinais e poderosas, servindo como força de fixação ao público. Como crítico literário, transformava sua pena em instrumento de castigo àqueles setores menos consagrados da sociedade que ousassem publicar um livro. Setores figurando como descobridores de novas tendências literárias era um crime. Sob esta forma, valiam a *recomendação* ou os *apadrinhados* porque se o livro

é de autor consagrado e da facção do jornal, o crítico apressase em repetir aquelas frases vagas, muito bordadas, aqueles elogios em *cliché* que nada dizem

¹⁵ Idem, *ibidem*.

¹⁶ Idem, p. 91.

da obra e dos seus intuitos; se é de outro consagrado mas com antipatias na redação, o *cliché* é outro, elogioso sempre mas não afetuoso nem entusiástico. Há casos em que absolutamente não se diz uma palavra do livro. Acontecia isso com três ou quatro autores. Um deles era Raul Gusmão, a quem o diretor invejava o talento de escrever; além dele, havia um grande poeta, respeitado em todo o Brasil, e um outro moço que se rebelara contra a ditadura do jornal. Com os nomes novos não havia hesitações; calavase, ou davase uma notícia anódina, “recebemos, etc.”, quando não se descompunha.¹⁷

Mesmo assim, Floc e Lobo, o consultor gramatical, na sua versão moderna o revisor de um jornal, eram os *entendidos* do *O Globo*. Eram os *intelectuais*, os *desinteressados*, *ficavam fora da ação ordinária daquele exército. Nunca se metiam nas polêmicas, não procuravam escândalos, não escreviam alusões. Eram os estandartes; as águias.*¹⁸

Na época, *águia* não era um jargão jornalístico, mas o conceito para uma pessoa considerada *espertalhona, velhaca.*¹⁹ Na *arrogância* da posição do cronista literário, considerada por ele próprio *mais destacada* que as demais, ele se julgava *mais depuradamente artista que o resto dos rapazes que faziam literatura pelo Brasil em fora; e o seu estágio diplomático em Quito dava-lhe também um infalível julgamento nas coisas de alta elegância e um saber inarrável nas maneiras de tratar duquesas e princesas.*²⁰

Naquele exército, como Caminha assim definia *O Globo*, havia outras figuras, que iam aos campos de batalha com suas armas, talvez originais. Gregoróvitch por exemplo, *chefe dos soldados*,

¹⁷ Idem, 136.

¹⁸ Idem, p. 91.

¹⁹ FERREIRA... op. cit. p. 42.

²⁰ BARRETO... op. cit. p. 95.

era o estrangeiro, misto de artilharia pesada nas palavras derramadas nas páginas daquele jornal e desconhecedor da civilização brasileira. Seu estilo de escrever, porém, vendia mais alguns exemplares, já que, *nada sabendo da nossa história, nem pelo estudo nem a sentindo pelo sangue, a sua critica e o seu ataque tinham uma violência desmedida.*²¹

Em postura de admiração ao diretor estava o Oliveira, *supondo-se extraordinário no seu ofício de repórter; o Meneses e o elegante e vigorosamente analfabeto Rolim, porém lindo como Narciso.*²²

Nas classes consideradas pelo contínuo como as mais baixas do jornal, estavam o charadista e cronista esportivo. Pouco vistos no ambiente da redação, talvez porque suas tarefas não tinham a importância que os demais profissionais devotavam às suas próprias áreas, Isaías Caminha aponta as características que os fazem ser tão desprezados naquela redação. O charadista *vive sempre pobre e mal vestido*²³ *sem uma classificação justa e certa*²⁴ e *ninguém nota a sua presença.*²⁵ Porém, *imaginava-se uma grande coisa, um intelectual, um escritor e era rara a vez que, conversando comigo, não se queixasse da sua situação no funcionalismo público, da pouca importância que davam aos seus talentos.*²⁶ Os esforços na redação não seriam para o leitor, mas em conseguir uma secretaria de Estado.

O cronista era o *entendido em cousas de cavalos*, suas roupas são bem escolhidas, apesar dos exíguos vencimentos. A distinção e as honrarias conseguidas pela freqüentação quase constante com a elite não mudaram sua posição com os demais profissionais, onde era visto como *um amador, um curioso, um ornamento*

²¹ Idem, p. 91.

²² Idem, ibidem.

²³ Idem, p. 92.

²⁴ Idem, p. 93

²⁵ Idem, ibidem.

²⁶ Idem, p. 94.

*inútil, assim como uma filigrana em vaso destinado a misteres úteis ou um remate caprichoso em um móvel indispensável.*²⁷

Suas crônicas transformavam animais em seres heróicos, como detentores de títulos e gostos, semelhante a seus donos, a elite carioca: *Para eles, não são potros e éguas que se batem; são heróis de Homero. É Agamenon, é Priamo, é Heitor, é Aquiles que estão a pelejar diante dos muros de Tróia e com os Deuses e Deusas nas arquibancadas.*²⁸

Estava ali a redação do *O Globo*. Com seus meneios, suas pompas, suas honrarias, títulos distintos conferidos egoisticamente pela elite *chic*. Talvez tudo isso justificado pela idéia de que a imprensa como um poder acima dos demais, o jornalismo como uma *fascinante batalha pela conquista das mentes e dos corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes.*²⁹ E Caminha, transformado em jornalista, amou mais a vida

não porque me visse adulado pelos almirantes e capitãesdemareguerra, mas porque senti bem a variedade onímoda da existência, a fraqueza dos grandes, a instabilidade das coisas e o seu fácil deslizar para os extremos mais opostos. Dois meses antes era simples continuo, limpava mesas, ia a recados de todos; agora, poderosas autoridades queriam as minhas relações e a minha boa vontade.³⁰

Uma batalha com uma arma pouco inofensiva: a palavra e, mais recentemente, as imagens da televisão ou as fotografias.

3.1 Tratamento da notícia

O tratamento da notícia, em qualquer meio de comunicação coletiva, segundo BARROS, transforma o jornalista em uma espécie

²⁷ Idem, p. 92.

²⁸ Idem, p. 93.

²⁹ ROSSI... op. cit. p. 7.

³⁰ BARRETO... op. cit. p. 157.

de investigador ou acadêmico: na descrição do fato, despe-se de suas expectativas ou sentimentos do fenômeno e o ser de que é fenômeno.³¹

Esta metáfora de ruptura metodológica, em relação ao objeto observado, parte do princípio do *cogito* cartesiano, aperfeiçoado mais adiante no século XIX pelo positivismo filosófico. Desde então, o jornalista se vale da idéia de isenção, acompanhadas de fórmulas, indicando independência na percepção instantânea do objeto com toda a trajetória de percepções do repórter ou mesmo do pesquisador.³²

Seguindo este princípio, o *habitus* do jornalista divorcia os sentimentos do ser humano e a tarefa do comunicador.³³ Define-se *habitus* como

o princípio gerador e regulador das práticas cotidianas, definindo, em sua atuação conjunta com o contexto no qual está inserido, reações aparentemente espontâneas do sujeito. Uma determinada prática social é produzida a partir da relação entre a estrutura objetiva definidora das condições sociais de produção do *habitus* e as condições nas quais ele pode operar, ou seja, na conjuntura em que está inserido.³⁴

Refletindo desta maneira, concebe-se a proposta de um jornalista despersonalizado, ao mesmo tempo com condutas em seu campo de trabalho *objetivadas na prática dos agentes concorrentes e colaboradores*.³⁵ Aventa-se que o jornalista não possui vinculação com quaisquer interesses a não ser os do público, seus leitores, os cidadãos, gerando a *ilusão* da liberdade, mesmo sob

³¹ BARROS FILHO, Clóvis de. *O Habitus na Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2003, p. 110.

³² Idem, p. 109.

³³ Idem, p. 117.

³⁴ BOURDIEU, Pierre. *Le Sens Pratique*. In BARROS FILHO... op. cit. p. 115.

³⁵ BARROS FILHO... op. cit. p. 116.

forte pressão do aparato institucional e relacional que condiciona o profissional na geração da notícia.

No *O Globo*, o *glamour* da imagem do jornalista como o maestro do chamado *quarto poder* gerava também um conflito entre os empregados da redação porque, em vários instantes, o poder parecia não estar nas mãos do jornalista, mas da empresa. Sob este prisma,

a vaidade dos desconhecidos da imprensa é imensa!
Todos eles se julgam com funções excepcionais, proprietários da arte de escrever, acima de todo o mundo. Não reconhecem que são como um empregado qualquer, funcionando automaticamente, burocraticamente, e que uma notícia é feita com chavões, chavões tão evidentes como os da redação oficial.³⁶

Ao mesmo tempo, de maneira confusa, o público desconhece os contorcionismos da vida jornalística, seu lado ingrato e esgotante, longe dos prazeres da vida, talvez semelhante a vida de grandes profetas, arrastando multidões em suas sombras, criando um caminho de algo sagrado ou magnífico.³⁷

A declaração do repórter, semelhando sua vida a de um mártir da notícia, é carregada de segredos e dita em momento solene: a minuciosa e exaustiva descrição da morte do cozinheiro de Loberant e a orientação da direção do jornal em transformá-lo em um agregado daquela redação, revelando a utopia da profissão jornalística propagada em *O Globo*. Na indicação do diretor, o cozinheiro teria títulos honoríficos, fora da humanidade comum, nasceu na França e sua nobreza era tamanha que, no cortejo, estavam pessoas de prestígio na sociedade, além do representante do Presidente da República, e o negro cortejo desfilou pela rua como *um triunfo sui generis para a vitória do diretor*.³⁸

³⁶ BARRETO... op. cit. p. 118.

³⁷ Idem, p. 145.

³⁸ Idem, p. 147.

Eis que propositadamente, antes da morte do ilustre cozinheiro, o escritor aponta a falta de títulos honoríficos no assassinato de um italiano, próximo ao *O Globo*. Esmagado pelas patas dos cavalos, após revolta popular embalada pelo jornal para atingir o Governo, o italiano despossuído de valores materiais e talvez culturais *importantes*, ironicamente vendedor de jornais, não vira notícia nos meios de comunicação. Desaparece naquela revoada de novidades, torna-se anônimo, sem papel relevante até como produto nas preferências do público-leitor. Em seu lugar, fica o cozinheiro de Loberant, simbolizando a capacidade do jornal em arrebanhar os representantes do poder e a exposição de material de melhor qualidade: um membro de uma família francesa deixava este mundo, em condições não reveladas, para se juntar aos estratos sociais, pouco conhecidos pelos homens, nas cortes celestiais.

3.2 A Objetividade no Tratamento da Notícia

Analisando a objetividade ³⁹ na apuração e redação da notícia, ROSSI acredita na existência de condições para o repórter ser mais objetivo na descrição do fato, mas a objetividade em si, para o autor, seria um *mito* porque

é inviável exigir dos jornalistas que deixem em casa todos esses condicionamentos e se comportem, diante da notícia, como profissionais assépticos, ou como a objetiva de uma máquina fotográfica, registrando o que acontece sem imprimir, ao fazer seu relato, as emoções e as impressões puramente pessoais que o fato neles provocou. ⁴⁰

³⁹ Ausência de opinião preconcebida; eliminação de influências subjetivas. (Conforme: LAROUSSE, Ática. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Paris: Larousse/São Paulo:Ática, 2001).

⁴⁰ ROSSI.. op. cit. p, 10.

Discorrendo sobre o meio de comunicação coletivo, MELO parece levar em conta, subliminarmente, este ponto e define-o como aquele

através dos quais as mensagens jornalísticas penetram na sociedade, bem como os demais meios de reprodução simbólica, são ‘aparatos ideológicos’, funcionando, se não monoliticamente atrelados ao Estado (...), pelo menos atuando como uma ‘indústria da consciência’ (...) influenciando pessoas, comovendo grupos, mobilizando comunidades, dentro das contradições que marcam as sociedades. São, portanto, veículos que se movem na direção que lhes é dada pelas forças sociais que os controlam e que refletem também as contradições inerentes às estruturas societárias em que existem.⁴¹

A penetração desta mensagem na sociedade, com seus aparatos ideológicos, através dos meios de comunicação coletiva, levanta três grandes problemas, no entender de LAZARSFELD e MERTON: a crença *quase mágica* da influência destes meios nas pessoas receptoras da mensagem; a propaganda, carregando em seu embrião a tarefa de ajustar os públicos ao *status quo*, guiando os destinos das pessoas às garras do sistema promovendo *uma ampla e inconsciente sujeição à estrutura social*⁴², sem se empenhar na mudança deste sistema; e, por fim, os efeitos destes meios de comunicação nos públicos, tanto na cultura popular quanto no gosto estético (a velha discussão sobre o *bom* e o *ruim* transmitido por esses meios). Porém, no entender dos autores, a simples presença dos meios de comunicação *não afeta a sociedade de modo tão profundo como em geral se supõe*.⁴³

⁴¹ MELO, José Marques de. *Jornalismo Opinativo: Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro*. 3. ed., Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003, p. 73.

⁴² LAZARSFELD, Paul F., MERTON, Robert K. *Comunicação de Massa, Gosto Popular e Ação Social Organizada* in COHN... op. cit. p. 243.

⁴³ Idem, p. 235.

Talvez de forma contraditória, os autores concluem que *as mesmas condições que permitem a máxima eficácia dos meios de comunicação, ao invés de propiciarem quaisquer mudanças, auxiliam na manutenção da presente estrutura social e cultural.*⁴⁴

No *O Globo* é possível identificar essa mudança constante na mensagem transmitida ao público, ajustando-se aos critérios adotados por Loberant. *No curto prazo de uma semana, o seu jornal atacou, elogiou e qualificou herói o ministro da Guerra (...). Na redação era assim: escreviase, mediante ordem do diretor, hoje contra e amanhã a favor.*⁴⁵

Mais uma vez esse controle na disseminação da mensagem aparece em outra passagem de *Recordações*. Descreve-se uma revolta popular contra o governo por causa da lei dos sapatos, obrigando o povo a usá-los nas ruas. Para não interferir na venda dos exemplares do *O Globo*, as mortes, durante a revolta, tanto no lado da polícia quanto no popular, eram suprimidas das páginas do diário. O objetivo era manter a população atizada contra o governo, consumindo avidamente o jornal, e os jornalistas respondiam a essa necessidade, preservando seus empregos e de outros membros na redação. Enquanto naquela confusão de tiros sem mortos e mortes gloriosas,

no jornal exultavase. As vitórias do povo tinham hinos de vitórias da pátria. Exageravase, mentiase, para se exaltar a população. Em tal lugar, a polícia foi repelida; em tal outro, recusouse a atirar sobre o povo. Eu não fui para casa, dormi pelos cantos da redação e assisti à tiragem do jornal: tinha aumentado cinco mil exemplares. Parecia que a multidão o procurava como estimulante para a sua atitude belicosa. O serviço normal da folha faziase com atividade. Os repórteres iam aos lugares perigosos, aos pontos mais

⁴⁴ Idem, p. 253.

⁴⁵ BARRETO... op. cit. p. 102.

castigados pela polícia, corriam a cidade em tálburis. Nem os revisores nem os seus suplentes faltavam à chamada; outro tanto sucedia com os tipógrafos e os outros operários.⁴⁶

E os mortos não morriam assim como a *mentira* parecia transformar a batalha em um feito heróico nas páginas do *O Globo*, contudo, na prática

houvera muitas mortes assim, mas os jornais não as noticiavam. Todos eles procuravam lisonjear a multidão, mantê-la naquelas refregas sangrentas, que lhes aumentava a venda. Não queriam abater a coragem do povo com a imagem aterradora da morte. A polícia atirava e não matava; os populares atiravam e não matavam. Parecia um torneio... Entretanto eu vi morrer quase em frente ao jornal um popular.⁴⁷

Essa informação, *embelezada e romanceada*, descrevendo esse mundo de *heróis e bandidos*, gerava um processo de identificação dos públicos com aquilo que estava publicado. O jornalismo, trabalhando de maneira semelhante à propaganda, transforma o público em informação, ao mesmo tempo em consumidor de suas aspirações, desejos, derrotas... . Como nos diz KEY, ao afirmar que

o público é o assunto básico disfarçadamente embutido em cada sentença, cada imagem, cada cenário. A credibilidade se baseia não em percepções factuais verificáveis, mas nas identificações e projeções do público. As fantasias de realidade da mídia, fabricadas de acordo com o interesse dos anunciantes, refletem as necessidades emocionais do público – o que eles querem ouvir sobre si mesmo é incluído; aquilo

⁴⁶ BARRETO... op. cit. p. 144.

⁴⁷ Idem, ibidem.

que poderia ofender suas projeções fantasiosas é excluído.⁴⁸

Analisando as *verdades* e as *mentiras* de órgãos governamentais e a tarefa quase contorcionista da imprensa em desmanchar as versões construídas pelos *mentirosos* que ocupam posições elevadas, o autor compreende que essa tarefa de auto-adulação da audiência, obviamente de maneira dissimulada, *é a pedra fundamental de comunicação eficaz*⁴⁹, pois, *acima de tudo, deve-se falar às audiências aquilo que elas querem ouvir sobre si mesmas.*⁵⁰

Percebendo essa realidade fabril da informação, armazenada e ao mesmo tempo difundida em meios de comunicação coletiva, KEY reflete que

cada veículo de comunicação manufatura ou produz uma orientação residual, totalmente invisível para indivíduos, grupos e nações envolvidos. A orientação é onipresente e provê uma tela cultural através da qual são filtrados eventos locais, entretenimentos, diversões e distrações momentâneas.⁵¹

E, através de uma linguagem apocalíptica, transformando as pessoas em vítimas da tirania desenfreada dos meios de comunicação e seus profissionais, o autor parece expor uma certa cumplicidade do público, com preferências em seguir o rebanho, aceitando as construções da realidade, geradas pelos meios de comunicação coletiva *que buscam apenas satisfazer seus próprios interesses egoístas.*⁵²

Assim, percebe-se que a orientação, dada à informação, no *O Globo* era expor a multidão os *conchavos* e *tramóias* circulando

⁴⁸ KEY, Nilson Bryan. *A Era da Manipulação*. São Paulo:Escrita, 1993, p. 136.

⁴⁹ Idem, 140.

⁵⁰ Idem, ibidem.

⁵¹ Idem, 141.

⁵² Idem, 151.

no subsolo da recém inaugurada república brasileira, e longe de ser uma tarefa meramente social, como constatava Isaías Caminha, ao notar que aquele era o centro de força da imprensa, a *manipuladora de opiniões, um tablado de mágica, provocando ilusões, fantasmagorias, ressurgimentos, glorificações e apoteoses com pedacinhos de chumbo, uma máquina Marioni e a estupidez das multidões*.⁵³ Afinal, estava ali *a Imprensa, a Onipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição!*⁵⁴

Na visão de BARRETO, o indivíduo manipulador desta informação, o jornalista, participante da linha editorial do meio de comunicação, era agente declarado ou secreto de um organismo social controlado pelas elites dominantes da nascente República brasileira, *gente que confunde o brilho com a inteligência... Fracas inteligências. Fracas inteligências a que a mocidade dá um brilho fugaz*.⁵⁵

Ah! Riqueza, coroa, saber que ultrapassa todos os outros saberes, fazeis certamente a vida invejável.⁵⁶ Inebriados pelo poder, os jornalistas do *O Globo*, assim como toda a sua estrutura, funcionavam como um ponto de equilíbrio para a difusão das idéias da ideologia dominante, afinal *uma função da comunicação é, portanto, a de fornecer informações sobre o que faz a outra elite e sobre o seu poder*.⁵⁷

E a imprensa? Seria uma quadrilha, para BARRETO, com métodos práticos imprecisos ou com motivações da ação acompanhadas de revelações parciais dos *interesses*, semelhando-se a um pirata antigo, com conhecimentos elementares, ausência de senso moral na apuração dos fatos e um olhar seguro, uma adivinhação da realidade

e assim dominam tudo, aterram, fazem que todas as manifestações de nossa vida coletiva dependam do

⁵³ Idem, 98.

⁵⁴ Idem, ibidem.

⁵⁵ BARRETO... op. cit. p. 90.

⁵⁶ SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Porto Alegre: L&PM, 1999, p. 28.

⁵⁷ LASWELL... op. cit. p. 112.

assentimento e da sua aprovação... Todos nós temos que nos submeter a eles, adulálos, chamálos gênios, embora intimamente os sintamos ignorantes, parvos, imorais e bestas... Só se é geômetra com o seu *placet*, só se é calista com a sua confirmação e se o sol nasce é porque eles afirmam tal coisa... E como eles aproveitam esse poder que lhes dá a fatal estupidez das multidões! Fazem de imbecis gênios, de gênios imbecis; trabalham para a seleção das mediocridades.⁵⁸

O jornalista não seria tanto esse *escravo do fato* como se imagina, por não manter a distância intrínseca entre o discurso e seu referente, muito menos este profissional seria o responsável inteiramente pelas representações que acredita construir nos textos que produz.⁵⁹ Ao contrário. No *O Globo*, o repórter tinha um poder, porém vago, guiado pelas orientações do tirânico Loberant, além da notícia ser fortemente influenciada através dos saberes, comportamentos e expectativas de um universo social, fazendo da imprensa *acheço, gancho*, no intuito de conseguir empregos públicos no governo. Vide-se: empregos públicos em posições de acesso privilegiado.

⁵⁸ BARRETO... op. cit. p. 81.

⁵⁹ BARROS FILHO... op. cit. p. 48.



Figura 5 – A razão no Jornalismo

Considerações finais

(...) *as minhas palavras dirão fielmente
o que vi e o que senti.*⁶⁰

O objetivo deste trabalho era investigar a manipulação da mídia, dirigindo o comportamento do público, em um jornal de grande circulação, descrito na obra de Lima Barreto. No livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* percebe-se, no ritual de construção da notícia, a relação da estrutura sócio-econômico-social na nascente República brasileira, nos meandros do jornalismo, inclusive no comportamento dos repórteres.

A análise da obra, do ilustre escritor carioca, permitiu encontrar características relevantes sobre a sociedade brasileira no nascimento da República e suas relações com as estruturas de poder. Além disso, permitiu-se uma modesta penetração nos intrigantes fatos ligando a imprensa brasileira a estas estruturas de poder por vezes encobertas pelos véus do *interesse*, além das relações hierarquizadas naquele Brasil tão cheio de palavras e sentimentos no pensamento do escritor dizendo *fielmente o que vi e o que senti*.

⁶¹

A pesquisa bibliográfica deu condições de delinear as duas situações acima expostas do escritor/jornalista: o contexto social e os bastidores da imprensa brasileira, buscando respaldo na obra de jornalistas / escritores, confirmando o caráter interdisciplinar

⁶⁰ BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 2002, p. 117.

⁶¹ Idem, *ibidem*.

deste trabalho, além de estar ligado à área de Comunicação Social, também com contribuições significativas da Literatura e da História brasileiras.

Na análise do contexto sócio-histórico vivenciado pelo memorialista, *O Globo* possui uma forte propaganda de si próprio, como o descobridor das *tramóias* e *esquemas* na velha República, em descrição do escritor, ao mesmo tempo obscurecendo suas relações com esse submundo, ocultando o clima tirânico existente entre os chefes e os repórteres do jornal. Ao mesmo tempo, os repórteres eram os agentes transmissores da cultura da imprensa como o *quarto poder*, refletindo a dinâmica de um movimento amplo de boa parte da sociedade a respeito da profissão.

Para se chegar a esta conclusão, o trabalho foi dividido em três etapas. Na primeira, sistematizou-se a obra do escritor carioca no contexto sócio-histórico brasileiro naquele momento, o nascimento da República, em uma sociedade enfrentando a aceleração de transformações estruturais, todavia, com um Estado fazendo severa distinção entre membros das classes, fruto de um modelo colonial. Aos despossuídos de condições exigidas, pelo nascente capitalismo brasileiro, para a ascensão social, sobravam os patamares dos desprivilegiados na cidade, descrita pelo eminente escritor entre atmosfera de sonhos. As revoltas destas classes eram o pesadelo das elites brasileiras.

Encaminhamos a discussão no capítulo dois a partir destas condições peculiares e suas influências no jornalismo brasileiro, em um período também de alterações profundas, pois o Brasil saía de um perfil de rígidas proibições na circulação de informações na Colônia a uma era industrializada, atraído por uma cultura mais ampla, abrangendo determinados campos ainda não definidos naqueles tempos, envolvidos por novas regras, expectativas e regulamentos. Mudam-se as feições nas redações, criam-se fórmulas para apresentação das notícias e a informação jornalística, diversificando suas audiências a vários segmentos sociais, como as mulheres e membros abastados, vira um dos esteios da sociedade urbana. A Revolução Industrial, importada da Europa, modi-

fica a notícia em produto de comunicação para as massas, também carregando modelos de comportamento, correspondendo tanto ao movimento do sistema total quanto à vontade dos controladores porque

o intrincado desse contexto, que suscita a ilusão de que o espírito do senhor seja o da época, reside contudo nisso, de que também aquelas manipulações que ajustam o público às exigências de um comportamento adaptado às condições dadas podem invocar momentos da vida consciente e inconsciente dos consumidores e atribuir-lhes a culpa, com uma razão aparente.⁶²

Pode-se perceber que o contexto brasileiro, no século XIX, na descrição da obra do escrivão, e o privilégio das classes, influenciam na construção da notícia transmitida nas páginas do *O Globo*. Repórteres seguem tendências de um mundo de sonhos, mas sem sonhos, da elite do capitalismo brasileiro, beneficiando instituições e seus poderosos *interesses*, manipulando a dimensão visível do que se transmite, de maneira aberta ou oculta, aos leitores dos jornais do Brasil.

Assim, conforme se mostrou no capítulo três, a notícia se misturava a valores ditados pelo dono do jornal, Ricardo Loberant, gerando discípulos. Às peças que não se encaixavam àquela estrutura, o destino era trágico: a penosa demissão, não tão pior quanto a perda do prestígio em escrever em um meio de comunicação de grande tiragem. Desta forma, não havia sentido em ser *criativo* ou *original* no *O Globo*. Primeiro, geraria questionamentos à posição inabalável de Loberant; segundo, a existência de fórmulas rígidas na construção da notícia, pois, *o que existe*

⁶² ADORNO, Theodor W. *Televisão, Consciência e Indústria Cultural* in COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e Indústria Cultural: Leituras de Análise dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea e das Manifestações da Opinião Pública, Propaganda e Cultura de Massa nessa Sociedade*. 5. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987, p. 352.

na realidade é a opinião dominante que, embora tenha suas faces indesejáveis, leva a produzir consensos, aceitações relativas, convencimentos impostos, e assim por diante. ⁶³

E, no rastro da idéia de um *leitor que quer novidades* ⁶⁴, a linguagem do jornal tornava-se *simplista*, moldada pela velocidade do jornalismo e fabricada para atingir o maior número possível de pessoas, já que

os jornais se destinam à massa, ao serem preparados, ignora-se a quem chegarão seus exemplares que tanto podem ser lidos pelo Presidente da República, ministros, senadores, governadores, deputados, prefeitos, vereadores, embaixadores e cientistas quanto por pessoas humildes das classes populares e apenas com o curso primário. A linguagem, portanto deve ser correta e acessível a todos. O primeiro dever do jornalista é conhecer as regras gramaticais, a fim de que seus textos não apresentem erros graves. ⁶⁵

Fórmulas pré-concebidas padronizam a linguagem dos jornais, levando os repórteres a se apropriarem de justificativas da idéia de uma imprensa como *quarto poder*. Conclui-se que a estrutura funcionava através de um consenso entre os repórteres e o dono da empresa, assim como aqueles transmitiam uma realidade aos seus leitores, através da mensagem arraigada em padrões sociais, ou seja, jornalistas como partícipes do jogo do poder, este erguido pelos beneficiários do sistema capitalista. Os repórteres até compartilhavam deste privilégio oferecido pelas elites, com poucos esforços em superá-la.

A partir de uma estrutura autoritária, permeada pelos ditames das classes privilegiadas, representadas por Loberant, espécie de

⁶³ DEMO, Pedro. *Introdução à Metodologia da Ciência*. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1987, p. 43.

⁶⁴ ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de Codificação em Jornalismo: Redação, Captação e Edição no Jornal Diário*. São Paulo: Ática, p. 55.

⁶⁵ Idem, p. 90.

senhor feudal ou um imperador, a notícia ganhava às ruas nas mentes dos receptores, gerando uma idéia contraditória entre o real e o mundo constituído nas páginas do *O Globo*. Não se pode ignorar nesta mensagem valores, gostos e estilos de vida de membros da redação, abarcando as imaginações, porque *o preço a ser pago pela inclusão no sistema é a adaptação a sua lógica, a sua linguagem, a seus pontos de entrada, a sua codificação e descodificação*.⁶⁶

Tamanha é a importância da mensagem que COHN, ao abrir seu ensaio, formula os meandros do conteúdo e estrutura da mensagem em determinado sistema. Assim

na análise do processo e dos meios de comunicação de massa, é perfeitamente legítimo atribuir-se uma importância central às mensagens, de vez que é em torno delas que se articula todo o complexo social e tecnológico envolvido na emissão e recepção da comunicação, da qual formam as unidades básicas.⁶⁷

Conclui-se que, no ritual de construção da notícia, tinha-se como consequência uma estrutura sócio-econômico-social existente, levando a imprensa a proteger comunidades, obscurecendo alguns grupos ou indivíduos considerados de elite, em uma base de negócios, ganhando vantagens de uma maneira privilegiada.

Além disso, neste emaranhado, está a manipulação da notícia durante a apuração do repórter, dados e categorias retirados de uma variedade de fontes, incluindo as *inventadas*, distorcendo conclusões, *glorificando* ou *aniquilando* seus heróis (os ricos, os *famosos*, a *intelligentsia*), prestando sua máxima reverência ao sistema, sem promover distúrbios, ao mesmo tempo amalhando amargas críticas a indivíduos, em um estilo marcante de utilização de meios não democráticos para alcançar seus fins porque *os*

⁶⁶ CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede: a Era da Informação: Economia Sociedade e Cultura*. Vol I, São Paulo: Paz e Terra, 2005, p. 461.

⁶⁷ COHN, Gabriel. *A Análise Estrutural da Mensagem*. In COHN... op, cit. p. 333.

media, portanto, abstêm-se de revelações desnecessárias sobre as falhas estruturais na operação das instituições. ⁶⁸

Assim, é perfeitamente crível que a obra do autor ultrapassa a barreira dos tempos e recai no século XXI, fazendo-se necessária uma reflexão da imprensa, por vezes funcionando como reforço tenaz do *status quo*, não indo além de si mesma na criação de formas de consciência do mundo. A imprensa atual engendraria um mundo como aparência, e nesta aparência disseminaria uma ideologia conformista e inibidora em suas mensagens, como é possível perceber no livro do escritor carioca? Uma resposta apressada seria questionável, se não fossem levados em conta aspectos sociais, econômicos e técnicos de uma sociedade e os meios de comunicação nela existentes.

Na pesquisa destes efeitos dos meios de comunicação, devem-se analisar os mecanismos deste campo jornalístico cada vez mais sujeitos às exigências do mercado. Mas, a cura dos males da *pie-dosa hipocrisia* desta imprensa também está na própria estrutura da imprensa, como nos aponta BOURDIEU, ao declarar que

é tentar oferecer a uns e outros a uma possibilidade de se libertar, pela tomada de consciência, da influência desses mecanismos e propor, talvez, o programa de uma ação combinada entre os artistas, os escritores, os cientistas e os jornalistas, detentores do (quase) monopólio dos instrumentos de difusão. Somente tal colaboração permitiria trabalhar eficazmente na divulgação das contribuições mais universais da pesquisa e também, em parte, na universalização prática das condições de acesso ao universal. ⁶⁹

⁶⁸ BREED, Warren. *Comunicação de Massa e Integração Sócio-Cultural* in COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e Indústria Cultural: Leituras de Análise dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea e das Manifestações da Opinião Pública, Propaganda e Cultura de Massa nessa Sociedade*. 5 ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987, p. 225.

⁶⁹ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 117.

Na imprensa, a consciência dos mecanismos que a regem pode gerar essa força extraordinária, transformando a liberdade de informação na sociedade do conhecimento em antídoto para o reconhecimento da dominação do mundo da tecnologia na própria realização do homem, ou seja, buscam-se alternativas àquele saber que é poder, mas ainda encontra limites nas novas formas de tradição, criadas pela sociedade. Um papel como jornalistas ou pesquisadores engajados na área de Comunicação Social sem, no entanto, transformar a mesma imprensa em um inimigo romântico, guardada em uma torre de marfim, dominada pela cegueira da ingenuidade.

Referências bibliográficas

ALMANAQUE ABRIL: BRASIL. São Paulo: Abril, 2002.

ADORNO, Theodor W. *Televisão, Consciência e Indústria Cultural*. in COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e Indústria Cultural: Leituras de Análise dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea e das Manifestações da Opinião Pública, Propaganda e Cultura de Massa nessa Sociedade*. 5. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

ADORNO, Theodor W. *Conceito de Iluminismo*. In OS PENSADORES, São Paulo: Nova Cultural, 2000.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith, GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O Método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa*. 2. ed., São Paulo: Pioneira, 2001.

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. São Paulo: Ática, 2002.

BARROS FILHO, Clóvis de. *O Habitus na Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2003.

BIRMAN, Joel. *Uma Nação de Invejosos*. Folha de São Paulo, Mais, 04/09/2005. Site: www1.folha.uol.com.br/fsp. Data da consulta: 10/09/2005.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *Le Sens Pratique*. In BARROS FILHO, Clóvis de. *O Habitus na Comunicação*. São Paulo: Paulus, 2003.
- BREED, Warren. *Comunicação de Massa e Integração Sócio-Cultural*. 5 ed., in COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e Indústria Cultural: Leituras de Análise dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea e das Manifestações da Opinião Pública, Propaganda e Cultura de Massa nessa Sociedade*. 5. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede: a Era da Informação: Economia Sociedade e Cultura*. Vol I, São Paulo: Paz e Terra, 2005
- COHN, Gabriel. *A Análise Estrutural da Mensagem*. In COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e Indústria Cultural: Leituras de Análise dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea e das Manifestações da Opinião Pública, Propaganda e Cultura de Massa nessa Sociedade*. 5. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.
- COSTA, Ana Rita Firmino et.al. *Orientações Metodológicas para Produção de Trabalhos Acadêmicos*. 6. ed. revisada e ampliada. Maceió: Edufal, 2004.
- COSTA, Cristina. *Sociologia: Introdução à Ciência da Sociedade*. São Paulo: Moderna, 1997.
- COUTINHO, João Pereira. *A Antielite Brasileira*. Folha de São Paulo, Mais, 04/09/2005. Site: www1.folha.uol.com.br/fsp. Data da consulta: 10/09/2005.
- DEMO, Pedro. *Pesquisa: Princípio Científico e Educativo*. 8. ed., São Paulo: Cortez, 2001.

- DEMO, Pedro. *Introdução à Metodologia da Ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1987
- ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de Codificação em Jornalismo: Redação, Captação e Edição no Jornal Diário*. São Paulo: Ática, 1991.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Aurélio Século XXI: o Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 11. ed. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1964.
- FERREIRA, Olavo Leonel. *História do Brasil*. 17. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- FREYRE, Gilberto. *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*. Rio de Janeiro: Artenova, 1964.
- JÚNIOR, Caio Prado. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. 23. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- KEY, Nilson Bryan. *A Era da Manipulação*. São Paulo: Escrita, 1993.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da Notícia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- LAGE, Nilson. *A reportagem: Teoria e Técnica de Entrevista e Pesquisa Jornalística*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LAROUSSE, Ática. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Paris: Larousse/São Paulo:Ática, 2001.
- LASWELL, Harold D. *A Estrutura e a Função da Comunicação na Sociedade.*, in COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e*

Indústria Cultural: Leituras de Análise dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea e das Manifestações da Opinião Pública, Propaganda e Cultura de Massa nessa Sociedade. 5. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

LAZARSELD, Paul F., MERTON, Robert K. *Comunicação de Massa, Gosto Popular e Ação Social Organizada.* in COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e Indústria Cultural: Leituras de Análise dos Meios de Comunicação na Sociedade Contemporânea e das Manifestações da Opinião Pública, Propaganda e Cultura de Massa nessa Sociedade.* 5. ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 1987.

MARTINS, Wilson. *A Palavra Escrita: História do Livro, da Imprensa e da Biblioteca.* São Paulo, Ática, 2002.

MEDINA, Cremilda. *Notícia: Um Produto à Venda: Jornalismo na Sociedade Urbana e Industrial.* 2. ed. São Paulo: Summus Editorial LTDA, 1988.

MELO, José Marques de. *Jornalismo Opinitivo: Gêneros Opinitivos no Jornalismo Brasileiro.* 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das Origens aos Nossos Dias.* 8. ed. São Paulo: Scipione.

PIGNATARI, Décio. *Informação. Linguagem. Comunicação.* 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

RAMONET, Ignácio. *O Poder Midiático* in MORAES, Dênis de (org.). *Por Uma Outra Comunicação.* Rio de Janeiro: Record, 2003.

RIBEIRO, Darcy. *O processo Civilizatório.* Rio de Janeiro: Vozes, sd.

ROSSI, Clóvis. *O que é Jornalismo.* São Paulo: Brasiliense, 2005.

- RUDIO, Franz Victor. *Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica*. 32. ed., Petrópolis: Vozes, 1986.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 20 ed.rev. e ampl. Cortez Editora: São Paulo, 1996.
- SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil*. São Paulo: Moderna, 1992.
- SPECTOR, Nelson. *Manual para a Redação de Teses, Projetos de Pesquisa e Artigos Científicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.
- SODRÉ, Muniz *O Globalismo como Neobarbárie* in MORAES, Dênis de (org.). *Por uma Outra Comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O Mundo dos Jornalistas*. São Paulo: Summus, 1993.
- TUFANO, Douglas. *Estudos de Literatura Brasileira*. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1995.
- WIRTH, Louis. *O Urbanismo como Modo de Vida*. 3. ed., in VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

Anexos



Figura 6 – Lima Barreto

Lista de imagens e frases

Figura 1 – São Jerônimo, de Michelangelo Merisi de Caravaggio (1571 – 1610).

Fonte:

<http://www.lexscripta.com/graphics/Jerome/caravaggio.jpg>.

Data de acesso: 10 de fevereiro de 2006.

Figura 2 – Policiais tentam tirar pessoa de barraco à força.

Fonte: <http://www.mixbh.com.br/imagens/borges5.jpg>.

Data de acesso: 10 de fevereiro de 2006.

Figura 3 – Impressora de Marinoni.

Fonte: http://www.exploradome.com/html/enseignants/stage_prof/musees/cnam/cnam.html.

Data de acesso: 10 de fevereiro de 2006.

Figura 4 – Oficina de impressão de jornal no século XIX.

Fonte:

<http://depts.gallaudet.edu/deafeyes/brochure/community5.html>

Data de acesso: 10 de fevereiro de 2006

Figura 5 – A razão no Jornalismo

Fonte: http://static.flickr.com/2/3867368_78e385f040.jpg.

Data de acesso: 26 de fevereiro de 2006

Figura 6 – Lima Barreto

Fonte: http://www.lainsignia.org/2004/noviembre/cul_020.htm.

Data de acesso: 10 de fevereiro de 2006